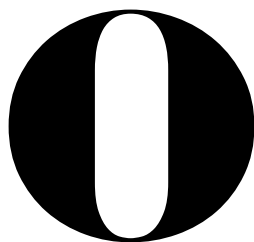


SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Maio/Junho de 2019, Edição nº 1.384





Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura - 2018 contemplou a obra de Sebastião Nunes, mineiro de Bocaiúva, que foi homenageado por este Suplemento Literário em novembro passado por seus 80 anos com uma edição especial. Aqui ele conta parte de sua trajetória em depoimento a João Pombo Barile. Os demais vencedores — o gaúcho Emir Rossoni (Ficção), a paulista Ana Estaregui (Poesia) e o mineiro Jonathan Tavares Diniz (Jovem Escritor Mineiro) — também são apresentados aos nossos leitores.

O músico Tavinho Moura, um dos compositores mais destacados do Clube da Esquina, mostra que sua sonoridade natural também se manifesta em forma de conto, e a mineira Rosângela Maluf, atualmente radicada no Rio Grande do Sul, volta a publicar sua ficção em nossas páginas.

O teatro e a loucura do gaúcho Qorpo Santo são estudados por seu conterrâneo Luís Augusto Fischer, Edgard Pereira comenta o novo livro de Márcio Almeida, Antônio Carlos Secchin visita Caetano Veloso em Londres e em São Paulo e a professora Constância Lima Duarte celebra os 30 anos de *Mulheres Emergentes*, a publicação editada pela poeta Tânia Diniz.

A poesia antiga nos vem através da tradução de um poema de Horácio por Sérgio Alcides e a moderna pelos seis hai-cais de Eloésio Paulo.

O desenho da capa é de Fátima Pena.

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretária Adjunta de Estado de Cultura
Secretário de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais
Subsecretário de Imprensa Oficial da Secretaria de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Romeu Zema
Marcelo Landi Matte
Solanda Steckelberg
Custódio Antônio de Mattos

Rafael Freitas Corrêa
Lucas Guimaraens

Suplemento Literário

Diretor
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Coordenadora-Adjunta de Apoio Técnico e Revisora
Escritório de Design
Design Gráfico e Diagramação
Conselho Editorial

Jaime Prado Gouvêa
João Pombo Barile
Flávia Figueirêdo
Gíria Design e Comunicação
Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Rui Coutinho, Izabela de Souza (estagiária)

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável
ISSN: 0102-065x

João Pombo Barile – JP 74894 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.bibliotecapublica.mg.gov.br.

Mantenha seu cadastro de leitor sempre atualizado
através de nossos canais de comunicação:

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

SUPLEMENTO



Capa: Fátima Pena



Os vencedores do

**PRÊMIO
GOVERNO
DE MINAS
GERAIS DE
LITERATURA**

O Prêmio Governo de Minas Gerais 2018, promovido pela Secretaria de Estado de Cultura, foi entregue aos vencedores no auditório do BDMG em cerimônia realizada no dia 28 de dezembro. Superando 455 concorrentes, um recorde na história do concurso, foram premiados Sebastião Nunes (Conjunto da Obra), Emir Rossoni (Ficção-Conto), Ana Estaregui (Poesia) e Jonathan Tavares Diniz (Jovem Escritor Mineiro). A seguir, eles se apresentam e falam da vitória e de suas carreiras.

CATEGORIA CONJUNTO DA OBRA

OS CAMINHOS DE SEBASTIÃO NUNES

DEPOIMENTO A JOÃO POMBO BARILE

Poderia reconstituir a sua relação com o Suplemento Literário? Como conheceu a turma? De quem era mais próximo?

Em 1966 e 1967, creio que os primeiros anos do SL, criado por Murilo Rubião, ganhei sucessivamente os concursos de contos e poesia (1966) e de poesia (1967) da Faculdade de Direito da UFMG. Eu era então inteiramente desconhecido como escritor e a dupla premiação, principalmente, me tornou uma espécie de celebridade minúscula, numa faculdade em que estudavam Jaime Prado Gouvêa, Sérgio Sant'Anna, Humberto Werneck, José Márcio Penido, Adão Ventura e Fernando Brant, entre outros escritores, jornalistas, músicos e cineastas ou pretendentes a. Logo estava frequentando a redação do SL e colaborando com poemas, pseudoensaios e molecagens, num ambiente descontraído e desconstrutor, sob as vistas grossas e maliciosas do “chefe” Murilo.

Em breve estava enturmadíssimo e bebericando, quase sempre na Cantina do Lucas, todo fim de tarde, com a turma acima, acrescida de Luiz Márcio Vianna, Milton Gontijo, Valdimir Diniz, Luiz Gonzaga Vieira, Geraldo Magalhães, Luiz Vilela, Henry Corrêa de Araújo, Carlos Alberto Ratton e alguns outros, que vinham de outras áreas, a maioria de outras faculdades, da imprensa ou de ambas.

Todos éramos bastante próximos, sendo mais assíduos (e é claro mais amigos) Sérgio, Adão, Geraldo, Vieira, Henry e Ratton. Essa proximidade, no Suplemento, nos bares e na faculdade durou até 1973, quando me mudei para o Rio de Janeiro, no rastro de muitos outros e dentro da tendência em voga de que escritor bom só frutificava no Rio ou em São Paulo e que Minas não existia, intelectualmente falando. Por incrível que pareça, tal ideia vinha desde os tempos da geração modernista de Drummond, e foi verdadeira até o advento da internet. Me lembro de um livro do montes-clarense Darcy Ribeiro, notável educador, escritor e político, sobre os acontecimentos no Brasil durante a ditadura militar, em que todas as citações (tratava-se de um livro de recortes) foram tiradas de jornais de São Paulo e Rio. De fato, Minas não existia, apesar de toda a nossa luta de resistência desde 1964.

Poderia contar um pouco de sua trajetória de editor? Se arrepende?

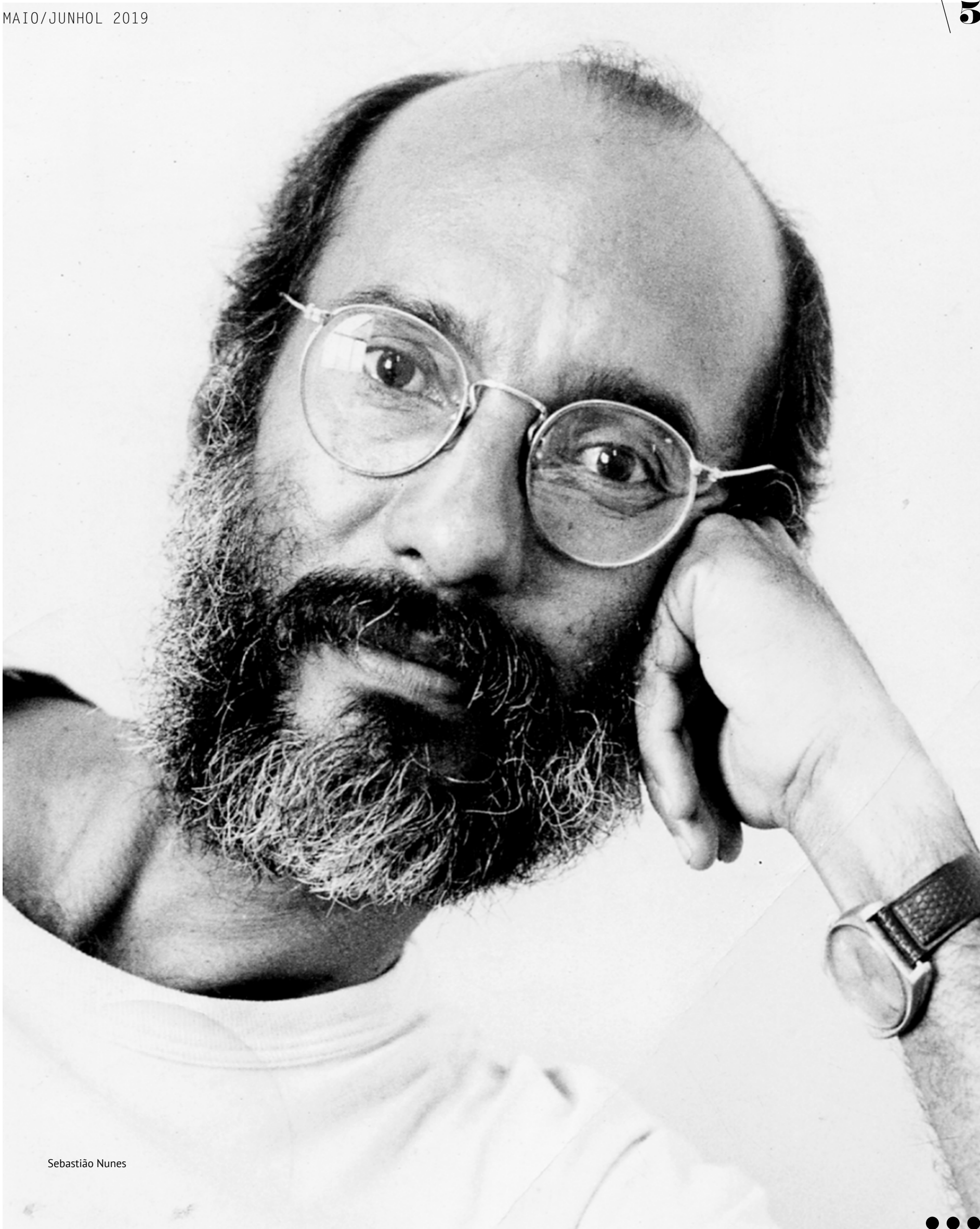
Nem um pouco. Já aos vinte anos, sem motivo claro, pensei em ter uma editora, pois não me passava pela cabeça procurar as grandes do país, que eram poucas e, para um mineiro tímido e ainda escritor iniciante, inacessíveis.

Em 1968 segui o padrão de todos os neófitos: procurei uma gráfica e paguei para que imprimissem 200 exemplares do meu primeiro trabalho, *Última carta da América* um folheto, que dediquei a Murilo Rubião. Dois anos depois recorri ao velho esquema de subscrição, mandando uma carta a cerca de 400 intelectuais, com endereços extraídos do mailing do Suplemento, do qual obtive uma cópia. Deu certo e ajudou no pagamento do segundo livro, *A cidade de Deus*. Daí em diante quase todos os meus trabalhos foram editados dessa maneira.

Em meados da década de 1970 comecei a ajudar autores iniciantes, em especial poetas, a publicarem seus livros, fazendo de graça a intermediação com as gráficas, desde a diagramação até o acabamento, já que ganhava bem como publicitário e podia me dar ao luxo de fazer de graça esse trabalho.

Em 1980 fundei a Edições Dubolso, pela qual lancei todos os meus livros posteriores e uma série de poetas inéditos. Ela foi inaugurada com meu primeiro livro de ficção, *Somos todos assassinos*, que alcançou sucesso razoável e teve duas edições entre 1980/1981, num total de 3.000 exemplares. Mas continuava sendo uma editora amadora, ou seja, tocada totalmente por mim mesmo, aproveitando os conhecimentos de artes gráficas, constantemente aprimorados pelo trabalho de publicitário, que permitia contato imediato com todas as novidades que surgiam e, consequentemente, sua aplicação no meu trabalho de autor e editor.

Em 2000, finalmente, desempregado e com dificuldades para ganhar a vida, fundei a Editora Dubolsinho, com um punhado de amigos, cada um entrando com a quantia de R\$ 1.000,00 – à vista ou em até cinco parcelas de R\$ 200,00, forma preferida pelos mais duros ou mais desconfiados da empreitada. Para fundá-la, contei com a ajuda direta de



Sebastião Nunes



(...) durante toda a minha vida
acreditei que este país tinha
um destino importante a cumprir,
mas, infelizmente, deu no que
deu. (...) não me arrependo nem um
pouco. O fracasso da Dubolsinho
não é apenas o fracasso de uma
microeditora, mas uma minúscula
parcela de um fracasso
imensamente maior: o fracasso de
uma nação incapaz de se tornar
grande como poderia e deveria ser.

Romério Rômulo, Otávio Ramos e Manoel Lobato, que entraram como sócios na empresa, embora eu fizesse praticamente sozinho todo o trabalho, apenas com a ajuda de Otávio na divulgação e na seleção dos títulos a publicar.

Nesse mesmo ano pude editar os seis primeiros títulos infantojuvenis, num mercado que crescia bastante desde a década de 1970, mas que só então descobri, alertado pela profissão de minha mulher, Maria Zélia, professora na FaE – Faculdade de Educação da UFMG, e pelo incentivo das duas filhas mais novas, Teresa e Alice, então com 10 e 5 anos, respectivamente.

Em 2002, com as primeiras vendas graúdas para a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, passei a pensar a editora como algo sério e profissional e o catálogo começou a crescer, continuando assim até 2012, quando fundei a Aaatchim! Editorial com minha filha Teresa e a enteada Joana.

Desde 2010 eu deixara de trabalhar sozinho, com a entrada na Dubolsinho da primeira funcionária. Nos anos seguintes cheguei a ter seis funcionários contratados e, com a fundação da Aaatchim!, em 2012, imaginei que poderia finalmente chegar a ter uma posição razoável como pequena editora. Mas foi exatamente em 2012 que os pequenos problemas se tornaram grandes, continuando grandes até a quase desativação completa das duas editoras, às quais eu acrescentara, num rompante de otimismo, a Dubolso Digital (dedicada à publicação de e-books) e

o Instituto Cultural Dubolsinho, que teria a função de promover ações socioculturais e educativas. No Instituto, chegamos a criar 16 projetos, oito deles efetivamente iniciados. Dessas ações, contudo, a única a funcionar foi o Projeto Lerês, de leitura e escrita, bancado financeiramente pela editora e apoiado institucionalmente pela Secretaria de Educação de Sabará e suas cerca de trinta escolas municipais, beneficiadas com incentivos e prêmios distribuídos durante quatro anos, até morrer de inanição por falta de recursos próprios.

Então a vaca foi para o brejo. Confesso que fui apanhado de surpresa, mas tenho de reconhecer minha culpa diante das exigências do mercado editorial. Em primeiro lugar, creio que o sucesso inicial me ofuscou, pois, a partir daquela venda inicial de 2002 e de uma breve pausa nos dois anos seguintes, desde 2005 até 2012 todos os anos algum ou alguns de nossos títulos eram comprados por órgãos governamentais, tanto pela prefeitura de Belo Horizonte quanto pelo Ministério da Educação, acrescentando vendas esporádicas para outras prefeituras e órgãos públicos.

Tentarei elencar os motivos do fracasso do projeto Dubolsinho: 1 - Minha absoluta falta de tino comercial e minha incompetência para lidar com dinheiro e comandar pessoas. 2 - A incapacidade que nunca escondi de trabalhar com o varejo, ou seja, com as vendas miúdas do dia a dia, tanto em livrarias quanto através de um site bem montado e organizado, que nunca tivemos. 3 - A teimosia em rodar edições de 2.000 exemplares que nunca eram vendidos e só serviam para aumentar o estoque, pois os títulos comprados por órgãos públicos eram obrigatoriamente reimpressos, pela exigência de incluir selos institucionais nas capas e informações extras nas contracapas. 4 - A cegueira de não perceber que governos mudam e que nosso sucesso estava intimamente ligado aos governos de esquerda, iniciados em BH na gestão de Patrus Ananias e, na esfera federal, pela eleição e reeleição de Lula. Com o impeachment de Dilma, todas as editoras que dependiam de vendas para o governo federal sofreram um baque inesperado. Baque não só financeiro, não só editorial, mas principalmente político, pois eu e vários outros editores tínhamos a crença de que educação e cultura tinham vindo para ficar, e que o futuro do país, em termos culturais e educacionais, seria brilhante, com o Brasil afinal deixando de ser um gigantesco país pobre, subdesenvolvido e dominado com mão de ferro e astúcia política por uma elite ávida por poder e riqueza. Nossa crença era de que o Brasil se tornaria, pelo menos em termos de educação e cultura, parte do primeiro mundo.

Finalizando, devo acrescentar que durante toda a minha vida acreditei que este país tinha um destino importante a cumprir, mas, infelizmente, deu no que deu. Como disse no princípio desta resposta, não me arrependo nem um pouco. O fracasso da Dubolsinho não é apenas o fracasso de uma microeditora, mas uma minúscula parcela de um fracasso imensamente maior: o fracasso de uma nação incapaz de se tornar grande como poderia e deveria ser.

Você foi premiado com o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura - 2018 pelo conjunto da obra. Foi importante para você? Acredita em prêmio de literatura?

O prêmio foi muito importante. Foi uma surpresa enorme quando recebi a notícia. E veio na época certa, quando a Dubolsinho estava no fundo do poço e eu, mais uma vez, sem perspectivas concretas sobre o que fazer da vida. Havia decepção e angústia. Se tivesse acontecido antes, não teria, nem de longe, o mesmo impacto, principalmente do lado pessoal, mas também, e não serei hipócrita, pelo lado financeiro para um aposentado de baixíssima remuneração que nem eu.

Sobre acreditar em prêmios na literatura, não acredito muito não. Modismos, escolas e tendências entram com muita força na preferência e na decisão dos jurados, de modo que raramente alguém fora da curva recebe prêmios. Foi, aliás, um dos motivos de meu espanto e de minha surpresa.

Uma parte da crítica brasileira, na falta de um rótulo melhor, muitas vezes colocou você na caixinha de maldito, poeta maldito. Como você reagiu ao longo da vida a isto? Ainda faz algum sentido falarmos em literatura marginal?

Nunca me incomodou. Afinal, sempre tive boas companhias, desde o velho Gregório de Matos, o Boca do Inferno, passando pelo grande Bocage e chegando aos nossos dias. Ser companheiro de escritores como Glauco Mattoso, Valêncio Xavier e José Agrippino de Paula é uma honra. Claro que, escrevendo uma literatura experimental e alternativa – tanto a minha quanto a deles –, temos menos leitores do que gostaríamos.

Por outro lado, e para completar a resposta, atualmente quase toda literatura é marginal, pois com exceção dos best-sellers de sempre, quase sempre comprados para encher estantes, pouco se lê, principalmente num país como o nosso.

Gostaria que você escrevesse dez ou quinze linhas dos seguintes amigos: Affonso Ávila, Sérgio Sant’Anna, Jaime Prado Gouvêa e Adão Ventura.

O Affonso foi uma espécie de guru na fase inicial da procura de caminhos, sempre pronto a orientar, ajudar e incentivar. Com sua cultura enciclopédica e sem papas na língua, funcionava como uma bússola para o meu desequilíbrio estético, mas atuava mais como amigo que apoia. Sempre havia uma cachacinha para molhar o papo nas longas horas de divagação sobre tudo e sobre nada. Eu sabia que sua amizade era um privilégio, pois não era de abrir espaço para autores ou pessoas de que não gostasse, literariamente falando. Nos primeiros anos, nossos encontros eram aos sábados, na Rua da Bahia, perto da Livraria Itatiaia, que continuavam na Cantina do Lucas para uma cervejinha até a hora do almoço, quando ele subia para sua casa da Rua Cristina. Foi a ele que confiei os originais de meu livro mais

complicado, *Finis Operis*, pedindo um prefácio, quando me mudei para o Rio de Janeiro. Mais tarde nos tornamos parceiros em duas publicações suas: *Cantaria Barroca*, com fotos de Maurício Andrés, que montei já morando no Rio, e o folder “Masturbações”, cuja tiragem não passou de algo como 100 exemplares, em serigrafia. Depois disso nos tornamos parceiros frequentes em publicações diversas, entre elas o extraordinário ensaio “Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação” e diversas revistas.

Sobre Sérgio, Jaime e Adão quase não dá para falar isoladamente. Cada um a seu modo, foram companheiros constantes, embora todos fossem mais novos do que eu, alguns anos apenas. Sérgio era o parceiro das noites na Cantina do Lucas e no Saloon, talvez o mais objetivo de nós quatro, o mais seguro do que queria fazer, sem, contudo, desprezar uma gandaia, sempre escondida da mulher, é claro. Foi o primeiro a publicar por editora nacional, a Civilização Brasileira, e a partir do segundo livro sempre teve boa acolhida a nível nacional, publicando há décadas pela Companhia das Letras e com vários e importantes prêmios no currículo. Juntos, cometemos várias heresias literárias, teatrais e existenciais, jamais publicadas, inclusive uma vasta troca de cartas ferozes e, em boa parte, definitivamente impubescíveis. Minha mulher, Maria Zélia, teve paciência para organizar em pastas essa correspondência, de forma que está bem guardada.

Jaime, sob a aparência de seriedade que sempre cultivou, era o companheiro das madrugadas nos botecos e da cervejada noite adentro, com direito a jukebox e o resto. Mas tinha o seu lado, digamos, aristocrático, pois jogara basquete no Minas Tênis Clube e era o único esportista praticante da turma. Desconfiado da literatura e dos literatos, torce o nariz para tudo o que cheira a oportunismo e a sublitteratura. Severíssimo



Entrega do Prêmio: Ricardo Aleixo, Lucas Guimarães, Sebastião Nunes, Maria Zélia Versiani Machado e Jaime Prado Gouvêa.

Se minha literatura não serve para o Brasil, eu também não sirvo para o Brasil. De comum acordo com minha mulher, fizemos as malas e voltamos às origens de um povo incompleto, destroçado e, acima de tudo, incapaz de saber o que pretende, já que nunca lhe foi permitido pensar, escolher e decidir por si mesmo. Talvez daqui possamos lutar melhor o bom combate da recusa à canalhice.

diante da própria obra, praticou com avareza e maestria a arte do conto, publicada em escassos volumes. Traduziu Donald Barthelme para o português e tinha, talvez ainda tenha, o argentino Julio Cortázar como anjo tutelar. Por duas vezes aceitou ser meu compadre: segurando a vela benta no batizado de minha filha Teresa e patrocinando, decerto com alguma ironia, meu casamento com Maria Zélia. Desconfio que nunca escreveu um poema sentimental, nem quando nós os cometíamos contritamente, na árdua tarefa de conquistar namoradas.

O Adão foi único, inigualável e inesquecível. Neto de escravos alforriados e filho de analfabetos, conseguiu a inacreditável proeza de sacudir a poeira de Santo Antônio do Itambé, com suas manadas de pulgas e chuvas de carrapatos, subir o morro até Belo Horizonte e, depois de vencer o duro, esquivo e traiçoeiro racismo do belo-horizontino, formar-se em Direito na vetusta faculdade da UFMG. O resto foi apenas o resto. Poeta branco quando poetava entre brancos, descobriu-se negro lavando roupa em máquinas automáticas nos domingos entediados dos Estados Unidos. Daí em diante escreveu com a tinta do corpo duros e amargos poemas, que resultaram no sempre louvado *A cor da pele* e depois nas *Litâneas do cão* e depois no que chamou *Costura de nuvens*, coletânea que a Dubolsinho publicou. Se alguém considerar brilhantes esses títulos, será apenas porque não ouviu falar de *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* ou ainda de *As musculaturas do Arco do Triunfo*. Ave, Adão, os que vão morrer te saúdam.

Você se mudou para Portugal. Poderia explicar melhor a sua decisão de deixar o Brasil?

Como todos os que conseguiram enganar o tempo e chegar a 80 anos, vivi os duros e amargos fracassos oriundos do Golpe de 1964, com seu cortejo de prisões arbitrárias, torturas monstruosas, mortes horríveis, desaparecimentos estranhos, sequestros de inocentes, assassinatos a sangue frio, leis estúpidas e arbítrio em todas as escalas do poder.

Quando um punhado de políticos oportunistas e corruptos, de braços dados com uma verdadeira quadrilha de senadores, juizes e deputados escolheram dar um novo golpe e entregar o país a um grupo sinistro da extrema direita, decidi que não assistiria pela segunda vez a essa triste e pavorosa tragicomédia.

O motivo foi esse. Depois de Temer veio Bolsonaro e ninguém sabe ou sequer suspeita o que virá depois, já que é sempre possível piorar o péssimo. Eu tinha a esperança de que o Brasil pudesse, trilhando os caminhos da educação, da cultura e da democracia, ainda que incipiente, se tornar um país, se não do primeiro mundo, pelo menos orgulhoso de seus filhos e de seu destino. Foi para ajudar a criar esse dia que escrevi toda a minha literatura – e vi então que fracassara, como o país fracassou.

Se minha literatura não serve para o Brasil, eu também não sirvo para o Brasil. De comum acordo com minha mulher, fizemos as malas e voltamos às origens de um povo incompleto, destroçado e, acima de tudo, incapaz de saber o que pretende, já que nunca lhe foi permitido pensar, escolher e decidir por si mesmo.

Talvez daqui possamos lutar melhor o bom combate da recusa à canalhice.

JOÃO POMBO BARILE

paulista de Campinas, é jornalista e coordenador do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura.

CATEGORIA FICÇÃO (CONTO)

DIGRESSÃO DA ALDEIA,
NA VISÃO DE EMIR ROSSONI

Gosto de começar a falar da tal gênese literária ou gênese de uma obra pela sentença de Tolstoi. Embora eu tivesse passado anos demais, talvez anos em vão na elaboração de um sentido para ela, nunca me pareceu fácil executá-la. Hoje, com mais anos no currículo, mas não menos imperícia nas costas, percebo que talvez a minha busca estivesse se dando de um modo um tanto equivocado. E para perceber esse equívoco, foi preciso enxergar o que sempre estive diante de meus olhos. O óbvio que julgamos perceber em “Descreva bem a sua aldeia e descreverás o mundo” para mim só fez sentido quando, por casualidade, relatei com a teoria de Ricardo Piglia.

Uma sentença tão simples, uma frase tão curta e tão direta nunca havia dado tantos nós em minha compreensão. Por sorte, e por Piglia, agora é possível afirmar que a sentença contava mais de uma história. E era nessa história secreta, nas entrelinhas, no texto subliminar, que estava a chave do que eu pretendia escrever.

Assim como registro no último texto de meu livro *Caixa de guardar vontades*, lançado em 2018, eu nunca gostei de escrever. Sentar frente a um papel em branco e desenhar letras que preenchem um roteiro imaginário não seria prazeroso. Ainda mais se isso fosse identificado como tempo perdido.

Mas como anuncio no texto, não-escrever poderia ser ainda pior.

Retomo esse texto, assim como retomo Tolstoi e Piglia, porque esses três componentes foram basicamente a gênese do livro *Domanda Nisio*, que recebeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura e que me trouxe a estas páginas.

O texto, porque é um apanhado da minha relação com o mundo. A sentença de Tolstoi, por me remeter a minha aldeia, ao ambiente, aos personagens e aos fantasmas de minha infância. E, finalmente, a Piglia, por estruturar esses intentos todos.

Piglia diz que um conto sempre deve conter duas histórias. A primeira é a história aparente. A segunda deve estar nos interstícios da primeira. E, assim, ela sugerirá indícios, aprofundará o conflito do personagem e direcionará ao desfecho do conto.

Compreendendo Piglia, é possível potencializar Tolstoi.

E na forma de falar dos personagens da minha infância, encontrei a linguagem para o livro *Domanda Nisio*, a língua perdida entre o vêneto e o português. No espaço e no tempo, encontrei os conflitos.

Entre os costumes e as tecnologias nem sempre compreendidas. Entre a religião e a ciência. Entre a adolescência e o mundo adulto. Entre a lei e a sobrevivência, estava o ser humano. Esse ser humano que possui os mesmos medos, sente a mesma fome, tem as mesmas ambições de amor, afeto e carinho em qualquer data ou endereço.

Claro que meus anos perdidos talvez não tivessem sido em vão. A verdade é que eu queria ter descoberto antes, que alguém tivesse me dito antes, de forma clara feito uma sacudida nos ombros. Talvez alguém tenha até feito isso, e eu não tenha percebido, talvez. O fato é que agora insisto em repetir, parágrafo após parágrafo: nas entrelinhas da aldeia está o conflito do personagem, nas entrelinhas da aldeia está o conflito do personagem, nas entrelinhas da aldeia está o conflito do personagem. A aldeia como cenário e a linguagem como veículo são elementos estéticos, também plenos de importância. Mas os dramas humanos serão os mesmos na minha aldeia, na sua, na deles.

São exatamente os dramas humanos, os conflitos de cada personagem, que geram a identificação, que fazem o leitor fruir diante de um papel cheio de palavras ordenadas das mais diferentes formas. E que pode ser o hiato entre um texto relevante e o tempo perdido. Eu continuo tentando.

Enfim, me foi solicitado uma apresentação e acho que cometi uma digressão. Mas é o que consegui para o momento. E para não finalizar sem ao menos dizer quem sou, faço igual Johnny Cash na abertura de seus shows, meu nome é Emir Rossoni, sou escritor, professor de escrita criativa e Mestre em Escrita Criativa pela PUCRS. A seguir, um conto de minha autoria. Esse conto não faz parte de *Domanda Nisio*, o livro que recebeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura. Mas é um conto que, assim como a digressão, julguei adequado para o momento.



CIGARRA

CONTO DE EMIR ROSSONI

“Não foi por falta de aviso”, pensei enquanto dava os últimos passos na direção da parada de ônibus. De nada resolveria ficar em casa rolando de um lado a outro, e eu tinha o pressentimento, aumentado pela demora, sabia já antes dele sair que aquele não era lugar pra ir, desde pequeno eu dizia “Pensa, Cícero”, sempre disse “Pensa antes de fazer”, mas Cícero saía cantarolando, tinha a língua solta, quando não concordava ou não queria me escutar ele cantava, era alto que cantava, dizia ter nascido pra isso. “Não foi por falta de aviso”, fiquei pensando já dentro do ônibus quase sem passageiros. Toda vez que me aproximava da estação, mesmo antes de chegar, sentia o cheiro de pastel e era só ver a cobertura que eu engolia saliva com gosto de caldo de cana. A gente vinha passear na Esplanada, não foram poucas vezes, papai nos levava de cima a baixo, passar calor não era a melhor coisa, mas era muito bom andar pelo gramado, eu e Cícero corríamos como se ele não tivesse fim e, de fato, não tinha, a gente não via o final do gramado da Esplanada e, antes de voltar pra casa, papai comprava pastel e caldo de cana no Viçosa. “Fica longe”, mamãe disse um dia, enquanto Cícero caminhava cantando, com pastel na mão e tudo, na direção da escada rolante. Só não caiu lá embaixo porque ela segurou. A escada rolante não era pra gente como a gente e não tinha que ficar fazendo pensamento de se meter com coisa assim, disse ela. Por isso, quando vi o convite, logo falei “Não fica fazendo pensamento”, ainda mais ao perceber aquelas letras esquisitas. Mas, se Cícero decidia, tava decidido. Foi assim quando começou a comprar roupa de mulher e sapato de salto. Eu já sabia do que ele gostava, mas se vestir de mulher era demais. Não tava certo, “Vou dar uma surra”, pensei, “Vai aprender a não ser bicha”, mas aí me abraçou e disse que eu era a pessoa que mais amava. “Esconde isso aí”, apontei pras roupas “Não deixa a mãe ver, Cícero”. Ele concordou, era desgosto demais, foi talvez a única vez que concordou comigo, então foi lá, dobrou tudo muito bem dobrado e colocou numa caixa de papelão junto com o sapato e quando eu já tava aliviado por ver a caixa lá no fundo do guarda-roupa onde a mãe não mexia, ele levantou-se e estendeu a mão “Agora sou Arlette”, falou. Eu não lembro o que pensei ao escutar aquilo, Arlette era Cícero ainda nos gostos, tomava caldo de cana no Viçosa sempre que podia, lembrei enquanto observava a rodoviária sem movimento, ao descer do ônibus, descia devagar porque talvez eu quisesse que aquele ônibus nunca tivesse chegado. Éramos quatro e depois que Arlette apareceu fiquei na dúvida se Cícero havia partido ou ainda estava ali, mas

percebi que ainda estava, então eu contava como uma família de cinco, cinco pessoas que nunca estavam junto, sempre faltava alguém, pensei enquanto observava a estação praticamente vazia, até lembrar novamente daquele convite. Ela andava faceira com aquilo. “Para de fazer pensamento”, eu avisei, esses convites vêm em língua estrangeira, vêm em inglês, falei, vêm com o nome do convidado escrito e aquele tava errado, tava em português e nem tinha nome. Mas já tava decidido. Arlette tirou o convite da minha mão “A Cigarra vai cantar”, falou. Era assim que queria ser chamada, “Cigarra”, tinha até um cartaz pra colocar na estação, descendo a escada rolante, onde o sol nunca chega. Cigarra, estava escrito com letras grandes perto da foto dela. Colocava do lado e colocava também uma bolsa onde as pessoas deixavam dinheiro, cantava lá na estação até ter voz “Depois volto pra casa”, dizia quando eu falava pra arranjar serviço que nem todo mundo. Papai andava mal da pressão, passava mais tempo de atestado que trabalhando. Por isso, faltava dinheiro, remédio é caro, faltava também eu ganhar melhor. “Vou ajudar”, dizia ela e às vezes aparecia com dinheiro. Acreditava que essa festa seria uma mudança de rumo. “Um é filho do Embaixador da Grécia”, me disse sobre quem havia dado o convite, “O outro é amigo dele”. Sei que ela fazia coisas por dinheiro. Com o que ganhava cantando não pagava nem as roupas e os pós com que se maquiava. Não sei onde se vestia, só sei que Cícero saía de casa com uma mochila, uma mochila grande, todas as tardes. E virava Cigarra, se esguelhando naquele buraco. Semana passada, após o trabalho, passei na estação. Cigarra pagou-me um caldo de cana. “Eu hibernei no corpo de Cícero”, disse “Agora eu canto”. E falamos sobre os passeios na Esplanada. A estação era a casa da Cigarra. Por isso pensei nesse lugar, descí as escadas. Primeiro vi os pés, descalços, nada de se mexer, era a única coisa que aparecia na pouca luz. Cigarra estava deitada, recostada à parede. Usava um vestido que parecia verde, ainda brilhava, e no braço tinha diversas pulseiras e braceletes, a maioria quebrado ou torto e sua orelha estava com um rasgo e uma argola que insistia em não cair, imagino o que tenha feito pra conseguir pagar aquilo. Agora, tudo imprestável, sujo de barro, sangue espalhado pelo tecido e pela pele, na garganta, pela boca. Quando Cigarra me viu, tentou dizer qualquer coisa, mas não falou. Apenas cuspiu pedaços de sangue. E, ali, mesmo na meia-luz, entendi seu olhar, suas mãos apontando para a boca em gestos repetidos, como se pedisse para eu confirmar, queria ter certeza, embora já soubesse, queria que eu confirmasse que sim, que haviam cortado, que a língua não estava mais dentro de sua boca. Ela colocava os dedos junto aos lábios, fazendo sinais. Creio que, no fundo, queria que eu desmentisse tudo, por isso insistia para eu falar, queria ouvir, foi a primeira vez que Cigarra quis me ouvir e então eu disse, apertando forte suas mãos, e foi com nossos dedos entrelaçados e unidos que, olhando em seus olhos, eu disse o que precisava ser dito.

A estação era a casa da Cigarra. Por isso pensei nesse lugar, descí as escadas. Primeiro vi os pés, descalços, nada de se mexer, era a única coisa que aparecia na pouca luz. Cigarra estava deitada, recostada à parede. Usava um vestido que parecia verde, ainda brilhava, e no braço tinha diversas pulseiras e braceletes, a maioria quebrado ou torto e sua orelha estava com um rasgo e uma argola que insistia em não cair, imagino o que tenha feito pra conseguir pagar aquilo.

CATEGORIA FICÇÃO (CONTO)

A POETA VENCEDORA SE APRESENTA

ANA ESTAREGUI

Nasci em Sorocaba em 1987 e vivo em São Paulo desde 2015. Sou formada em artes visuais pela FAAP e mestranda em literatura e crítica literária pela PUC-SP. Publiquei os livros *Chá de Jasmim* (Editora Patuá, 2014) e *Coração de boi* (Editora 7Letras, 2016), tendo sido ambos contemplados pelo ProaC de Poesia e sendo o último finalista do Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional, em 2017. Publiquei também os contos de *Buracos* pela editora digital E-galáxia (Selo Jota) e recebi, em 2015, o 1º lugar no Prêmio Off Flip de Literatura/Contos.

Atualmente realizo oficinas e cursos livres de escrita com enfoque em criação de poesia e artes visuais.

O projeto de livro *Dança antiga para cavalos*, contemplado no Prêmio Governo de Minas de Gerais 2018, compõe uma seleção de poemas inéditos produzidos a partir de 2018. O projeto, que ainda está em andamento, deve ser publicado entre 2019 e 2020.



Ana Estaregui

POEMAS DE *DANÇA ANTIGA PARA CAVALOS*

ANA ESTAREGUI

I.

dormem as mariposas
nos troncos, floreiras
e caixas de luz dos condomínios
quase sempre invertidas
descansam à luz do verão
são como ervas, extrato do sono,
óleo concentrado em vidro âmbar

voar, desistir, voar
sempre viradas para o sul
as abuelas tecem
o que já não é língua ou imagem
mas uma noite roxa
emprestada do oriente

dentro do sono há um cais
dentro do quarto, papéis
as mariposas, durante o dia, sonham com a noite
e durante a noite recomeçam
voar, desistir, voar

II.

em breve seremos aves
a coluna maleável os ossos leves
sairemos secos da água
as penas e os bicos impermeáveis
em direção às árvores
sabermos, por intuição
para qual direção seguir
em qual esquina dobrar
por quanto tempo esperar a presa
a essa altura haveremos conquistado
a bússola originária
esta que habita o peito de qualquer bicho
fungo ou planta orientada pelo verão
em breve seremos aves
os olhos certos de caçar
de cima avistaremos ruas e toldos
veremos as embarcações chegarem à noite
do alto das copas das palmeiras.

CATEGORIA JOVEM ESCRITOR MINEIRO



tenho nas narinas o cheiro da madeira das carrancas que encararam meus avós. segui no rastro da baba dos caramujos que melaram o cimento do quintal, às ordens do mesmo mapa afetivo que guiou a perdição dos consanguíneos. eu sei que sou isso que não sabe o que é.

beira enfumaçada de fogão à lenha ardendo no olho do passado; olho lavado na água de chuva ácida que tomba nos edifícios. não sou um ato de contravenção. não me adianta de nada o esforço para romper: eu sou o casulo. eu sou a pupa, a prisão trançada e o miasma.

o que é que há com este corpo? que dá pé no riacho recôndito da roça de meu avô, mas também respira debaixo da enchente de luzes neon. é, sem querer ser, a contradição. estou sem meu lugar no tempo e sem tempo pra caçar o meu lugar; me vendem que posso ser tudo, mas tudo não é qualquer coisa.

fico na janela tentando excursionar além dos tédios niilistas: vejo o celeiro de concreto, a megalópole de papelão. esta urbanidade é como meu sofrimento: dúbia, díspar, par, parnasiana. pra cada edifício com nome de rei francês, sua casa de pau-a-pique. e quem vai comer as farpas? não sei se é nossa função, enquanto quem escreve. não faço disso o martírio.

que a minha escrita é indisposição. eterna terceira pessoa, fuga constante da autoficção e que se sabe impossível.

é para não ser a voz, mas o eco — a gruta —; é pra criar sem domesticar o bicho, é pra isso que escrevo. lá fora, porém, brilha a face da moeda, a cara do real, que é sempre um espanto. os homens lá fora querem secar a tinta fresca e dizer vaiporali.

eu quero ser o caminho do meio pra lugar nenhum. envelheci desde a primeira vez que estive aqui — hoje sei que a vida é conspiração contra ela mesma. mas os estatutos permanecem: o que me importa ainda é o som da leitura, a formatação dos parágrafos, o esculpir das letras. o trabalho infindo pra que a língua se despreocupe em arrotar mensagens e se torna ela mesma, a palavra, a mensagem.

o que me lajeou no passado permanece me oferecendo uma sombra de saudade na paisagem desértica do presente. são os elepês intocados no quartinho dos fundos, são as goiabadas demoradas não-pode-parar-de-mexer-pra-não-engrunhar, são os afetos duros que tiveram pra me dar.

não sei bem como é falar de tudo isso sem falar meu nome, mas é o que tento. e quando me perguntam o quanto há de mim nas coisas que me saem, não sei medir.

a escrita é a tentativa de fazer algo com algo que me foi feito.

sigo na dubiedade. sigo na cidade. atravessado pelos signos do passado; respirando fumaça e lembrando o cheiro do mofo do quarto de ler. a vida me olha de volta; ela tem olhos de carranca.

CARNEIRADA DE VAZANTE

CONTO DE TAVINHO MOURA

O rio, aqui, é essa tentação, promessa de riqueza em cada curva, em cada passeio que faz expondo seus ornados, a força de sua água trinando na aspereza. Esse rio já recorreu pedras como tesoura afiada e corre o entorno desse arraial como um caminhador penitente. Não teme o cerrado que impõe bandeadas, desguia pelas rochas a água que pode. Ao contrário do mato em sua volta, que cresce solto e corre campo à larga, sua água encarcerada traça e lapida com fina lixa d'água um liso piso de lajedos.

Nossos avós bateavam esperanças roendo grunas em suas margens. Viviam em estado de faca no peito, falando em línguas passadas, e o que restou de seus desejos dorme esquecido nesses quintais. Ainda vejo cordas de roupas lavadas e ouço coro de almas no Poço da Firmina. Minha casa fica para lá, naquela cavidade arrimada, onde se vê por cima dos matos um telhado sujo, encoberto por uma sucupira amarela abastecida de sementes que enchem a cova das telhas. Vivo secretamente só. Ouço tudo que se anuncia. Noites medindo horas vazias até que a manhã aparece. Pensamentos, saudades, mulheres possíveis. Gostei de Natália com quem casei, mas é muito nervosa. Mando todo o dinheiro. Ela vive numa casa que temos em outra cidade. São muitos os amores.

Novos garimpeiros vieram de outros governos. Desvendaram de forma insensível e não permitiram ao rio um último momento de respiro. Calaram seu corpo. Nuvens de andirás ornaram poças de lama preta. Urutaus, por toda sua extensão, roncam seus pesadelos. Em seu colo, maquinaria pesada. Dragas de pás roedoras, escavadeiras, sangram fendas. No leito submerso reviram extensas lajes caçando diamantes como quem busca ossos em sítios e grutas. Exploradores, ávidos do brilho espantoso guardado entre pedras opressoras.

Mesmo raso o rio é profundo. Mãe d'água, oculta voz maternal emerge em sua defesa.

Minha superstição eram as gotas d'água. Onde antes o rio cachoeirava, fazia e remexia retorcendo água, na estiagem, saía para catar gotas d'água. Pedrinhas miúdas, límpidas, do tamanho de uma gota. Presenteava, fazia graça.

Nunca gostei de garimpo, sempre fui vaqueiro. Com onze anos ganhei a profissão. Me matriculei nesse reino de cavalos, bois, cobras. Fazenda Perdizes. Hectares capazes de formar município. Cerrado de aparência e substância próprias, onde onça e gado medem força e fraqueza. Propriedade de um expoente político, a quem dediquei meus dias. Homem que foi um pai para mim. O mundo é grande demais, a paisagem aqui não era para olhos de cidade. De repente uma novidade, o homem está ao telefone: reúne aquele gado perdido

na Criminosa, todo ele, que o comprador vai. Levantava era noite, buscava nas mangas, contava, recontava, ficavam prontos. Podiam receber inspeção.

O povo vinha, negociava, eu recebia mensagem: passa no escritório. O capataz me entregava um passe. Dez meses de cesta básica. Ajeitou para mim uma aposentadoria, mesmo sendo antes do tempo.

Não tem nada bonito na minha vida a não ser eu mesmo. Até hoje, na idade que estou, causo admiração. São ares que tenho entranhados na pele enfogueirada do meu rosto. Meus cabelos jogados de lado, cacheados, com pontas douradas, ressaltam meu perfil. Notícia anda, mereci fama. André Modelo. Ganhei esse apelido na juventude, as moças me achavam parecido com fotografias de revista.

Nas domingadas, aqui desse galpão, todas queriam dançar comigo. Deixava meu corpo correr riscos, dançando forró de umbigo, galeiando pernas. No quadrado de chão varrido, febre de álcool nos olhos, o cômodo todo embriagado. Dançava tarde toda entrando pela noite. Provei o suor de todas, pingava que parecia teto de zinco no sereno. Meu melódico deixava a parceira no ar, se sentia domada.

Um capataz de fazenda com uma criança amuada na garupa exibia sua motocicleta como se a grama fosse acolchoada. Atraído pela fórmula faiscante da sinuca, sem fôlego procurava um taco. Torcia língua em palavras imorais. Só uma moça delicada, do outro lado do balcão, vigiava o dentro e o fora. Disse com coragem de mãe: na graça de Deus, devolva essa criança com vida. Estou dando bondade, minha vontade é esfregar sua fuça na calçada.

Vinha de longe o claro do farol. Iluminava, sumia. Liguei gerador, bomba d'água para banho. A moça desceu do carro se soltando de amarras, externava o corpo, espreguiçava. O amigo agrônomo vinha para dar aval a um novo projeto de gestão.

Diminuir gado, fomentar madeira de colheita rápida, formar pastos de capim transgênico. O papagaio, no poleiro de dormida reconheceu: chegou cedo louro.

— Modelo, amanhã vamos cavalgar depois do leite.

Vinha de longe o claro
do farol. Iluminava,
sumia. Liguei gerador,
bomba d'água para banho.
A moça desceu do carro
se soltando de
amarras, externava o
corpo, espreguiçava. O
amigo agrônomo vinha
para dar aval a um novo
projeto de gestão.

— Sela a Meia Lua, vamos na Larga da Bulha. Disse com calmas palavras perfumadas. Suor da timidez molhou minhas mãos. Aquele rosto grandioso com nariz de criança, boca que lembrava fruta. As pernas, na cela bordada que trouxe, ficariam mais grossas e os olhos estavam molhados, avivados pela poeira. Fazia anos que não vinha.

O dia clareou no Morro do Celular. Escutei que naquele chão poderia estar enterrado um jagunço famoso. A guerra acontecida ali virou livro, nela morreu o demônio. Essa terra é das mais antigas do planeta. Cantarolei a carreira do veado com o sapo. Um pela água, outro pela campina. Tinha até juiz, era uma coruja. Alguns moradores do Paredão ainda falam uma língua antiga, proibida. Você tem a cor das perdizes que comeu na infância. Sua mãe cozinhava mandioca, batia batidinha, colocava para secar. Eu cevava, armava arapuca. Virou o cantil, suspirou intimidade: Modelo, você tem estilo, saberes próprios.

No mirante emparelhamos. Tive todo tipo de frio. Senti pensamento, dúvida se aquilo podia. A sombra dela tinha cor, o rosto era esplendoroso, melhor era sorrir a enchente da alegria. Bati folhas da bate-caixa. Mostrei as horas pelo revirado das folhas da sambaíba e o gato mourisco que fotografei com celular. Foi logo reparando. Não era queixa, não acusava de descuido. Se o amigo agrônomo teria atenção com o cerrado virgem, não consentindo que fosse derrubado. Com as plantas que não conseguiam devolver vida, onde foi pasto pisoteado e o cerrado se regenerava. Capim invasor era temeridade. Ela ainda viu uma ave cor de flor, entrou pelos olhos, atingiu os lábios: flamingo, não, colhereiro.

A trilha dos gravatás beirava uma vala, de onde um suspiro exalava. Era só o espírito. Couro enrugado pedia socorro.

— Pensa que já está no cemitério, mas ainda vai me dar muito leite. Apreendi com meu pai desencantar bicho acuado com maneira e destreza.

Juntou as rédeas na montaria, desceu aquele canudo pros fundos daquela vala. Laçou por debaixo das mãos dianteiras. Prosseguiu me enviando a outra ponta. Acariciou, deu mãos para novilha cheirar.

— Você hoje vai dormir com suas irmãs. André, puxe quando eu ordenar.

Segurou e levantou firme a cabeça do rabo alinhando o traseiro. O espírito foi ganhando corpo, a rês cavacando, ela por detrás comandante gritava alerta.

Saiu espevitada a tourinha, ao sabor da vaqueira sertaneja.

Subia calor, tudo pedia água. O Córrego da Vargem, cristalino, iria desmanchar nossa sede. Ouvimos um lobo guará em rogo de aflição, cheiro de bicho morto. Olhos d'água irmanavam pequenas corredeiras formando um riacho branco sobre o assoalho mineral. Pequenos lambaris circulavam recreativos. Adiante, o córrego caía no rio do Sono. Fomos molhando botas.

— Este lugar foi criado para ser nomeado.

Molhou rosto, cabelo, colo. Fiapos de um lado, de outro, escorriam lenta calda pelos ombros.

— Tenho medo que corra risco de desaparecer, gosto tanto que sinto tudo isso me abraçar.



Tão pouca gente conhece.

Lavei meu rosto, molhei cabeça. Dedos entreabertos pentearam meus cabelos.

— Modelo, você já experimentou pentear para o outro lado?

Não, este é meu lado celebridade. Passou de novo os dedos.

— Você tem razão.

Lindo palmo de mão corria desfazendo cachos. Fiquei corado como uma fruta pinha que achamos no mato, cor de acerola.

— Ali, o Poço da Firmina — casa que meu pai construiu para ela vir morar.

Sei que vendia café de rapadura, numa coberta pobre, na estrada de chão. Tinha filho, vivia sumido nos matos, meu pai então trouxe para morar aqui. Por bondade pura. Minha mãe não gostava. Sirigaita, sorriso de desprezo, pernas e ombros esculpidos para tardes e noites de raparigagem. Dizem que ainda está por aí, nunca foi embora.

Essa gente fala muito, acrescenta sempre mais que um ponto. A trilha dos gravatás poderia não pertencer a essa fazenda. Puro espinho, açoite nas pernas, animais sangram. Moscas, bicheiras. A terra nesse lugar abriu fendas como se precisasse respirar.

— Era uma sesmária, está na família desde o império. Meu pai, quando assumiu, vinha caçar porcos, ver pacas focinhar de buraco em buraco. O alteamento da codorna e o voo de pouco sustento até outra moita.

— Os primeiros bois eram de cruzamento pobre, cangaian com guzerá, primeira geração, fugiram, desapareceram. Nas valas queimavam madeira derrubada. Tonhão sabia pelo cheiro a resina que ardia.

— A arma na cintura é proteção contra boi de mato? Por que esse cerrado inteiro não grita por socorro?

Sombras extensas começaram a aparecer. Gaviões circulavam arbustos que pendiam das paredes de pedra, caçavam morcegos da primeira hora. Nossos animais atalhavam pelo mato, queriam chegar, tirar o ferro da boca. Adiante, já noite. A primeira estrela é um planeta.

— Volto para casa com alegria e prazeres nos olhos. Quase ninguém sabe falar do amor. D. Lia, dia de Natal, visitava nossa fazenda. Longe eu

ouvia a voz do carro que ela guiava. Abóboras, melancias, se amontoavam no tabuado da mesa. Sobre a carga, atadas aos fueiros, duas redes de finos fios de gravatá. Ela fiou as cerdas, trançou no tear o pano e urdiu as varandas.

O sentido do amor, para mim, é aqui.

Ventou até o galo cantar iluminado. O que firmou o dia foram os trezentos pássaros-pretos soltos pela florestal, arrançados num pau seco, inteiravam a paisagem. Eles estavam prontos para viagem. Levavam mel de jataí que tirei num pilão velho. Nossa amizade estava justa. O amor na cidade deve ter outro nome.

No ano seguinte o rio pegou muita água, quando vazou, deu carneirada. Tive febre programada. Frio me tomava, jogava no chão. Juntava os joelhos na barriga, abraçava as pernas e deixava tremer. Donos do rio vieram morar na minha cabeça, no meu corpo. Cavalo d'água emerge vasta luz, risonha besta vermelha, ofende a noite — me cegava, eu batia cabeça nas paredes das casas, nos muros. Cachorrinho d'água, afortunadas diabruras — dava nó nas pernas das minhas calças, nas mangas das camisas. Caboclo d'água, graduado regente rescende n'água — eu tinha que atravessar, remava, mão peluda segurava a canoa. Onde o Córrego da Vargem faz barra no rio do Sono, ela aparecia difusa.

Numa folha de caderno escrevi uma carta, dobrei, redobrei, fiz um barquinho de papel reforçado, igual ao que um japonês fez na televisão. Coloquei para navegar no rio do Sono. Nos primeiros metros enfrentou capins de beira, regorjeou e passou o espumado de um trecho corrido. Foi sendo levado, num remanso de curva, sumiu. Mais adiante o rio Paracatu. Depois, nas águas fortes do São Francisco iria ancorar no Porto da Figueira, sítio onde ela mora:

rolinha vaqueira
coração lamentoso de voz escura
ciscando no arenoso chão salgado
sonha rumores de riachos
que deslizam suaves lembranças
ressoa junto a mim seu canto
aonde não diz
sua cor não aparece
quase uma flor descorada
leve delicadeza

no paredão do açude onde te guardo em segredo

cerrado

essa via de vida que respiro

que me atrai e fascina

me leva a buritizais

praças jardinadas

encerra meu convívio e renascer diário.

Numa folha de caderno

escrevi uma carta,

dobrei, redobrei, fiz

um barquinho de papel

reforçado, igual ao

que um japonês fez

na televisão. Coloquei

para navegar no rio

do Sono. Nos primeiros

metros enfrentou

capins de beira,

regorjeou e passou

o espumado de um

trecho corrido.

TAVINHO MOURA

mineiro de Juiz de Fora, é músico, compositor, fotógrafo de aves. Estreou na literatura em 2007 com o livro *Maria do Matué- Uma Estória do Rio São Francisco*.

ELEGIA

DAS ‘TRISTEZAS’ DE OVÍDIO *TRISTIA IV, I*

TRADUÇÃO DE SÉRGIO ALCIDES

PARA JÚLIA AVELLAR, AMIGA OVIDIANA.

Se houver defeitos – e há – nestes meus livros,
desculpe aí, leitor: foram os tempos.
Eu era um exilado, buscar fama
não era o meu intuito; eu só queria
um pouco de sossego, que livrasse
a mente de seus males incessantes.
Por isso o escavador de pés atados
canta meiguices na labuta dura;
e quem se curva sobre a lama e contra
a correnteza arrasta o barco canta.
O mesmo pulso traz ao peito os remos
que impulsionam lentos n'água, e os braços puxam.
Se o pastor cansa e senta numa pedra,
espalha o som da cana entre as ovelhas.
A ancila se distrai da trabalhadeira
se a faz cantante, enquanto vai fiando.
A lira no lugar da lirnessense
arreatada deu alívio a Aquiles.
Orfeu, quando perdeu de novo a esposa,
moveu cantando as matas e os rochedos.
Eu também vim com a musa até este Ponto;
só ela mesmo pra me acompanhar;
só ela é que não teme nem a insídia,
nem mar e vento, nem a espada trácia,
nem a barbárie, e sabe do meu erro,
que há culpa no meu feito, mas não crime.

Por isso agora é justa, e já foi ré
ao cometer comigo outro delito.
Antes eu não tivesse me metido
com as Piérides, para me dar tão mal!
Fazer o quê? Sou presa das irmãs...
Demente, amo a poesia que me lesa.
O loto, gosto ignoto, deleitou
dulíquios, que depois passaram mal.
O amante, mesmo pressentindo a fera,
insiste em se danar, persegue a culpa.
Aos livros que causaram minha ruína
adoro; adoro o dardo que me espeta.
Minha paixão parece até mania,
mas, se é mania, tem utilidade:
impede a mente de estar sempre entregue
aos males, e do caso atual me esqueço.
Como a bacante ferida desvaira
e ulula pelo Edon imune à dor,
o tirso verde me comove e o espírito
me eleva acima do sofrer humano.
Nem sente mais o exílio, o litoral
da Cítia, a sua ofensa às divindades.
É como se eu tivesse dado um trago
das águas soporíferas do Letes,
turvando o sentimento das mazelas.
É justo que eu venere, então, as deusas

que do Hélicon vieram aliviar
os males da jornada tormentosa,
dignando-se a seguir atrás de mim
por mar e terra, ora em barco, ora a pé.
Que elas ao menos me valham; a turba
dos outros deuses fechou com o César
cobrindo-me com o tanto de infortúnio
que a praia tem de areia, o mar de peixe,
e de ovas este; é mais fácil contar
na primavera as flores e no outono
as frutas do que os males padecidos
por mim, lançado mundo afora, até
a costa esquerda deste mar Euxino.
Porém, chegando, não se fez mais leve
o transe dos meus males: até aqui
o fado quis seguir as nossas trilhas.
Até aqui descubro que se alongam
os longos fios do meu nascimento,
meus fios, que são feitos de lã preta.
Sem falar nas insídias, nos perigos
capitais que enfrentei, não menos veros
por serem verdadeiramente incríveis.
Mas que miséria para quem esteve
a vida toda na boca do povo
viver agora entre bessos e getas!
Que miséria é guardar a vida atrás
de muros e portais, sem garantia
nenhuma de defesa no seu posto!
Quando jovem, fugi das asperezas
da luta militar; nem pus a mão
em arma que não fosse de brinquedo.
Agora, que envelheço, à esquerda escudo,
espada à destra, um capacete esconde
os meus cabelos brancos. E, ao menor
sinal da sentinela, se há tumulto,
pego logo, mão trêmula, a armadura.
O inimigo feroz acossa os muros,
de arco em punho, com flecha envenenada,
montado em seu cavalo esfolegante.
Como o lobo rapace leva embora
e arrasta pela mata ou pelas searas
a ovelha que ao redil não foi trazida,
Assim ataca o bárbaro inimigo
quem não se proteger atrás das portas.
Se não sucumbe às flechas peçonhentas,
vai preso com cadeias no pescoço.
Aqui jaço eu, que sou íncola novo
de um sítio agitado, onde – ai de mim! –
meu fado se prolonga e nunca acaba.

Ainda assim a Musa forasteira
volta aos cultos e aos números antigos,
em meio a tantos males, sem ninguém
a quem eu possa recitar meus versos
que tenha ouvido pra entender latim.
Pode isso? – o que eu escrevo, eu mesmo leio.
É a certeza de um juízo favorável,
mas me pergunto às vezes: "quem se importa?
serei lido por sármatas e getas?"
Por vezes, escrevendo, o choro escorre
e molha o texto. Ao coração, de novo,
velhas mágoas revêm, como se novas,
até que uma torrente amarga inunda
de lágrimas meu peito. Então relembro
o que sou e o que fui, até que a sorte
se mudou, e me vem ao pensamento
de onde vim eu e aonde vim parar,
trazido por meu caso de infortúnio;
às vezes, minha mão demencial,
irada contra esses esforços vãos,
me atira os versos para arder no fogo.
Quem quer que leia os poucos que restaram,
não repare... E você, que me interdita,
admita, Roma, esta poesia minha,
que não saiu melhor que os tempos meus.

SÉRGIO ALCIDES

carioca, é poeta, tradutor e professor universário. Autor, entre outros, do livro *Pier* (Editora 34, 2012).

ANTÍPODAS

LUÍS AUGUSTO FISCHER

Porto Alegre, sul do Brasil, 1866: um homem solitário e atormentado escreve, freneticamente. Está sendo processado por sua esposa, que o acusa de ser maluco. Acusa mesmo: abriu um processo contra ele, e um juiz aceitou a denúncia. Nosso escritor foi obrigado a se submeter a exames médicos em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, com os melhores médicos disponíveis. Os diagnósticos são incertos, ele sofre. Tem reações agressivas. E escreve.

Em Porto Alegre houve duas opiniões divergentes, e por isso indicaram a necessidade de ir à Corte, onde esteve internado por semanas e mais uma vez o diagnóstico foi contraditório, um médico pela sua sanidade, outro pela sua doença, e finalmente um terceiro, um superior hierárquico, arbitrou a pendenga e ele foi solto, com um salvo-conduto para retornar ao sul. Disse esse quinto doutor que o escritor não apresentava delírios, nem insanidade de imaginação, nem alucinações, nem visões. Em suma: “O paciente no seu enunciado apresenta um acréscimo de atividade cerebral que não pode exprimir um estado anormal do intelecto, senão quando essa atividade superexcitada por impressões externas reflete de certo modo sobre o centro das percepções”.

Trocando em miúdos: só de vez em quando este doente perde o controle. E como, argumenta o doutor do alto de sua ciência – mais de 30 anos antes de Freud publicar *A interpretação dos sonhos*, obra que muda muita coisa na conversa sobre os limites entre sanidade e loucura –, a “forma monomaniaca da loucura” não se caracteriza por crises periódicas, e sim por aspectos contínuos, será o caso de soltá-lo, devolvê-lo ao convívio dos seus. O médico não disse que não havia problemas, mas que não era o caso de mantê-lo encerrado no hospício.

Mas esse episódio de internação ocorreu depois, em 1868. Neste dia 14 de maio de 1866, ele escreve, e sai de sua pena uma peça para teatro. No total, em poucas semanas escreverá 17 pequenas peças, que não ultrapassariam 20 ou 30 minutos de cena, as mais extensas. Esta que nos interessa agora se chamará “As relações naturais”. O tema é obscuro, as cenas são opacas. Há humor, mas daquele tipo meio travado: quem rir, vai também ficar espantado e talvez assustado.

Ato Segundo, primeira cena. Está em cena um homem, com o estranhíssimo nome de “Truquetruque”. Ele bate numa porta cênica e, enquanto espera a resposta, fala sobre sua situação. Faz elogios a si mesmo, mas teme despertar ciúmes com suas múltiplas qualidades. Teme mesmo precisar fugir para longe. E diz:

“Ainda se me metessem aqui e eu saísse lá no ponto oposto, onde habitam os nossos ... (pergunta para o público) como se chamam estes cujos pés têm as solas dos sapatos voltadas para a sola dos nossos? Hein? Anfíbios? Não. Isso é coisa que anda no mar e em terra. Hermafroditas? Não: isto é o que é macho e fêmea. Cabrito não é. Não me posso lembrar”¹

Ele queria a palavra “antípodas”, que não veio. Vieram duas outras também marcadas de pares, de combinações, de polaridades – “anfíbio” e “hermafrodita”. Antípodas: palavrinha interessante, que sugere um esquema geral da terra, como em desenho infantil – a Terra redonda, um homenzinho aqui e outro no seu oposto, um com os pés virados para os pés do outro. Brasileiros e japoneses são antípodas, hoje dizemos sem problemas de compreensão.

Diz o dicionário Houaiss que há registro na língua portuguesa para a forma “antipedo”, em sentido igual, desde o século XIV – antes de os portugueses alcançarem contornar a África em direção ao extremo Oriente, antes de chegarem ao continente que depois seria chamado de América, antes de Camões fixar a língua portuguesa em altura culta apreciável. Será que nesta remota era, antes das grandes navegações, os primeiros usuários do futuro português pensavam já em gente tão distante quanto nós e os japas? Claro que não.

Mas no tempo de nosso conflitado escritor sim – a rotundidade da Terra era já conhecida e assimilada por pessoas letradas, como era o caso. Ele se assinava José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo (1829-1883). Este último nome, composto estranho com grafia inesperada, era invenção sua e era uma autodefinição, nascida de uma visão que diz ter tido: talvez numa das crises que o doutor carioca detectou em sua consciência, ele foi avisado de que deveria manter seu corpo santo, longe do pecado, longe das tentações representadas pelas mulheres. A soma dessa advertência, que ele parece ter levado a sério, com sua proposta de reforma ortográfica (ele tinha sido professor de primeiras letras e concebeu uma suposta simplificação da escrita de nossa língua, em que o som de C como Q seria grafado com Q) deu esse resultado.

Vivendo numa cidade distante dos grandes centros europeus, e sem ter jamais viajado para além do Rio de Janeiro, Qorpo-Santo estava em dia com muitas novidades de seu tempo. Por exemplo: foi fotografado. Uma das imagens mais conhecidas o mostra talvez aos 30 anos, pouco

mais, vestido com uma roupa digna, pose armada, tronco ereto, olhos claros olhando agudamente para a lente, barba e bigodes escuros, como o cabelo, que cobre uma fronte retangular clara, europeia. Um homem bem sucedido, podemos acrescentar, em interpretação óbvia dado o contexto brasileiro de escravidão. Talvez um homem tenso, se levamos em conta a enigmática força do olhar que a foto flagrou.

Dá para imaginar que para esse homem, em 1866, a imagem tão sintética e poderosa cifrada na palavra “antípodas” tivesse um aspecto de amplidão, de abrangência, de totalidade: estando em Porto Alegre ou em qualquer outra parte do planeta, estávamos todos, vizinhos e antípodas, com os pés sobre o mesmo planeta. Antes da popularização da fotografia, antes das imagens que atestam a forma da Terra, o termo nos integrava a todos, mas imaginar gente caminhando de cabeça pra baixo devia dar vertigem.

Poucos meses antes dessa cena, em 1865, em Oxford, Inglaterra – menos de cem quilômetros a oeste da capital, Londres –, um professor de matemática publica livro que teria fama mundial: *Alice no país das maravilhas*. O autor se chamava Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898) e assinava Lewis Carroll. Existiu de fato uma Alice na vida do escritor: era filha do deão Henry Liddell, superior hierárquico do autor. Não era visto como maluco, embora fosse claramente excêntrico. Professor de matemática,

de seu sistema mnemônico para memorizar pi até 71 casas decimais”, diz Martin Gardner, autor de famosa edição anotada do clássico.

Se não era visto como louco, é certo porém que o futuro argui uma possível pedofilia no solitário professor, que tinha uma forte predileção por estar com meninas impúberes, a quem fotografou (sim, ele era um homem tecnologicamente atualizado) e desenhou, embora aparentemente sem chegar jamais às relações naturais que atormentaram José Joaquim. Sua aparência era assimétrica, “um ombro mais alto que outro, seu sorriso era ligeiramente torto e o nível seus olhos azuis não era exatamente o mesmo”, diz Gardner, a partir de fotos. Era surdo de um ouvido, muito gago desde a infância, sofria de intensa enxaqueca e teve crises de epilepsia.

Também usou pseudônimo, mas menos amalucado do que o de Qorpo-Santo: “Lewis” é a forma inglesa para “Ludovicus”, em latim, Luís no nosso português ou o “Lutwidge” que ele carregava; “Carroll” é a forma irlandesa para o latim “Carolus”, ou Carlos, ou seu “Charles”. Já Alice Liddell (quase “little”), a menina real, carregou seu nome da vida real para a ficcional.

No capítulo inicial do livro, a curiosa e sagaz menina Alice segue o coelho estranho que vê passar apressado, consultando o relógio. Ela entra na toca logo depois dele. E, surpresa: a toca é imensa, infla para baixo, e ela começa a cair, cair, cair. Alice pensa muito e sempre. Pensa até enquanto cai:

“Gostaria de saber se vou cair direto através da Terra! Como vai ser engraçado sair no meio daquela gente que anda de cabeça para baixo! Os antipatias, acho” (desta vez estava muito satisfeita por não haver ninguém escutando, pois aquela não parecia mesmo ser a palavra certa).²

No original, Carroll escreveu assim:

‘I wonder if I shall fall right through the earth! How funny it’ll seem to come out among the people that walk with their heads downwards! The Antipathies, I think –’ (she was rather glad there was no one listening, this time, as it didn’t sound at all the right word.)

A solução da criativa tradução de Jorge Furtado e Liziane Kugland foi outra, recriando o trocadilho:

“Já pensou se eu caio direto e atravesso toda a Terra? Que estranho aparecer do outro lado do mundo no meio daquelas pessoas que andam de cabeça pra baixo, os ORIENTADOS, eu acho...” (desta vez, ela ficou bem feliz por não ter ninguém ouvindo, porque essa palavra não parecia estar certa de jeito nenhum.)

Veio a palavra “antipatias”, mas não veio “antípodas”, à mente de Alice, na invenção do inglês e só por isso cosmopolita Carroll, professor meio amalucado e genial. Já seu irmão de alma, quase seu antípoda, o



porto-alegrense Qorpo-Santo – que é claro que não pode ter lido o livro da Alice –, ficou naquelas outras palavras paralelas, fazendo piada com a plateia.

Por que ocorreu aos dois escritores, cada um na sua bolha mas exatamente no mesmo momento histórico, brincar com o termo? Esse inesperado irmanamento dá o que pensar.

Qorpo-Santo não foi conhecido, nos rigorosos cem anos entre 1866 e 1966, salvo como um maluco; nos esfuziantes anos 1960 sua obra teve melhor sorte, graças em grande parte a Aníbal Damasceno Ferreira, que promovia suas peças como coisa singular, que merecia atenção – mandou datilografar e fazer cópias, repassou-as a intelectuais e críticos literários de sua cidade em busca de parceiros de entusiasmo, enfrentou caras feias e indiferenças eloquentes, até que encontrou amigos de teatro, em particular Antônio Carlos Sena, e finalmente viu no palco pela primeira vez o que Qorpo-Santo concebeu e escreveu no isolamento de sua, vá lá, loucura, eco do isolamento de sua cidade em relação mesmo às principais praças culturais de seu país. Só então ganhou edição em livro.

Depois disso muita água rolou, e Guilhermino César, que primeiro havia sido indiferente ao texto dramático qorpo-santesco, abençoou a montagem no palco, com seu poder e prestígio de crítico famoso. O isolado escritor ganhou estudos e montagens, carinhos que em vida não pôde ter. Precursor do teatro do absurdo, surrealista antes do tempo, inventor injustiçado, gênio incompreendido, de tudo se disse, com mais e menos razão, para saudar aquilo que em seu tempo foi apenas sintoma de alucinação. Obra de imaginação perturbada, seu teatro dá acesso sempre enviesado ao mundo cotidiano.

Ninguém soube dessa obra fora de um restritíssimo círculo de conhecedores da *Ensiqlopédia ou Seis meses de uma enfermidade*, publicação que o próprio autor conseguiu fazer na sua Porto Alegre nos anos finais de sua vida, reunindo tudo que havia escrito ao longo da vida, inclusive as peças de teatro³. Mesmo seus contemporâneos e conterrâneos, portanto, não puderam ler sua obra no ambiente aberto da cultura viva; e se a alguém ocorresse a necessidade de ler, em 1866, algo sobre o Brasil, aquele império que se estruturava em absurda centralização administrativa contra os habitantes originais da terra e sobre os ombros dos africanos e afrodescendentes escravizados, por certo seria encaminhado para a obra amplamente dominadora de José de Alencar (1829-1877), que no anterior havia lançado um best-seller local, *Iracema*, fantasiando sobre a formação do país como um enlace entre índios e portugueses, e em 1862 lançara romance de boa força crítica acerca do mundo das classes confortáveis brasileira, *Lucíola*, história de uma moça órfã que se prostitui, mas depois conhece o amor verdadeiro, tudo bem longe da vida dos escravos que viviam aos milhares na mesma cidade em que se passa a história.

Já a Alice de Carroll teve a sorte dos talentosos que vivem no centro geográfico do cânone. Escrevendo em inglês, a língua do incontrastado império econômico de seu tempo, Carroll viveu o apogeu do vitorianismo, aquela combinação de extremo poder para fora e extremo moralismo para dentro, as duas coisas às custas de repressão pesada, contra os nativos das várias partes do globo em que o Império Britânico exercia sua

força e contra os instintos e desejos sexuais – isso tudo sem falar do centro econômico dessa estrutura histórica, a poderosa indústria britânica, capaz de inventar maravilhas tecnológicas e de massacrar diariamente incontáveis trabalhadores, como se pode ler direta e sensivelmente na obra de Charles Dickens, um quase-contemporâneo (1812-1870).

Não precisou esperar para ser lido. Assim que foi impresso ganhou leitores em profusão, incluindo, dizem, a própria rainha Vitória e o jovem Oscar Wilde. Essa proeminência foi reforçada quando do lançamento do livro seguinte, *Through the looking-glass, and what Alice found there* (1871), geralmente conhecido em português como *Através do espelho*. Traduções começaram a aparecer em 1869 e já alcançam, diz a página da Wikipedia, 174 línguas. A história de Alice tem sido adaptada para um sem-fim de linguagens e formatos, pelo mundo afora.

Qorpo-Santo vivia isolado socialmente, numa capital de província que tinha certo traço cosmopolita – na altura em que viveu nosso autor, havia talvez duas dezenas de consulados estrangeiros na cidade, o que se explica pela condição de ser sua cidade um porto de relativa força e abrigar a capital mais meridional de um império imenso que lindava com importantes países de origem hispânica, como Uruguai e Argentina, como também pela forte presença de imigrantes germânicos na cidade e na região. Devia ter imensas dificuldades nosso escritor para se informar, obter livros e formular enfim sua leitura das coisas, bem ao contrário do que ocorreu com Carroll, nem precisamos explicar por quê. De todo modo, os dois se irmanam nessa peculiar piada, que os coloca em sintonia entre si e com o planeta.

Se fosse pouca essa semelhança, outra talvez mais impressionante há: nessa peça de Qorpo-Santo (também em outras), ocorre de personagens mudarem de nome ao longo da ação, como é o caso saliente de Truquetruque, o autor da frase sobre os antípodas, que depois será identificado como “Um indivíduo” e mais adiante como Malherbe. Em processo semelhante, figuras femininas são filhas, mas em seguida serão mulheres da vida, e o lar passa a ser um bordel. Nenhuma identidade parece fixa. (Há outra peça que traz no título essa sina de metamorfose: “Hoje sou um; e amanhã outro”).

Lewis Carroll não fica longe disso. Alice dirá, de mais de um modo, não saber exatamente quem é, tendo em vista que tudo muda tão rápido e tão forte. Começo do capítulo 5: a Lagarta e Alice se olham fixamente em silêncio.

Finalmente a Lagarta tirou o narquilé da boca e se dirigiu a ela numa voz lânguida, sonolenta.

“Quem é você?”, perguntou a Lagarta.

Não era um começo de conversa animador. Alice respondeu, meio encabulada: “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.”

Não era mais tão óbvio ter-se certeza, mesmo sobre coisa tão elementar quanto a individualidade, quanto o nome que se carrega.

Terá Qorpo-Santo lido Júlio Verne? Quase certamente não. E Carroll, leu o francês? Talvez. Jules Gabriel Verne viveu entre 1828 e 1905 – outro contemporâneo praticamente exato de Qorpo-Santo e de Carroll (e de Alencar e Dickens). Seu romance *Viagem ao centro da Terra* foi publicado no mesmíssimo tempo das outras duas obras aqui evocadas, 1864. Não usou pseudônimo como os outros dois escritores que se preocuparam em registrar os antípodas, mas igualmente os registrou. Aliás, fez mais: o desfecho do romance leva os dois protagonistas, o professor Otto Lidenbrock e seu sobrinho Axel, mais o guia Hans, desde a Islândia, onde penetram num vulcão, até outro vulcão, o Stromboli, na Sicília, uns cinco mil quilômetros distantes do ponto original. Saíram nas antípodas da Islândia, por assim dizer.

A Terra estava ficando pequena para aqueles homens admiráveis, lúcidos ou perplexos, mas sempre atentos à metamorfose da vida naquele tempo, em Paris, em algum ponto a cem quilômetros de Londres ou na remota Porto Alegre.

1 Texto ligeiramente modificado aqui, a partir da edição de Guilhermino César.

2 Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, edição Jorge Zahar Editor.

3 A *Ensiqlopédia* já é, por si, um grande caso literário. O autor evidentemente quis ajuntar tudo que podia, de sua produção escrita, para fixar sua imagem, a imagem que pôde produzir em vida. Ali vizinham, de modo amalucado, poemas, crônicas, comentários de grande alcance (sobre a política imperial na Guerra do Paraguai) ou reclamações de evidente acanhamento (contra o mau estado das calçadas da cidade), mais as peças de teatro, receitas de comida, entre muita outra coisa, tudo em forma de uma revista impressa. Lido a frio, parece atestado de maluquice, apenas; lido em contraste, não é assim tão diferente de um caderno de notas, como os de Coleridge, que foram publicados postumamente, uma verdadeira miscelânea de incongruências. Assim diz Stephen Potter, organizador de uma antologia do autor, notando que os cadernos de notas eram como confidentes: Coleridge “não mantinha um caderno para suas observações da natureza, outro para receitas de cozinha, outro com planos de trabalhos futuros ou fragmentos de poemas em desenvolvimento: tanto ele podia colocar um novo assunto na primeira página em branco que encontrasse, quanto abaixo de uma citação copiada do livro que estivesse lendo no momento” (*Select poetry & prose*, p. 152, tradução LAF). De resto, considerando a coisa de modo panorâmico, todas as revistas correntes, desde sua fixação formal na Inglaterra do século 18, serviam um “variado cardápio literário”, como lembra Ian Watt em *A ascensão do romance*. Assim era o *Gentleman’s Magazine*, “informação prática sobre a vida doméstica e uma conjugação de ensinamento com distração” (pp. 47 e 48).



SONHOS DESEFEITOS EM BRUMADINHO

CONTO DE ROSÂNGELA MALUF

1. Os bebês

Naquela sexta feira, Norma chegou em casa por volta das dez horas da manhã. Na mão trazia o resultado do exame que apanhara no laboratório antes de voltar para sua cidade. Ainda no elevador, abriu o envelope e teve então a certeza de que estava grávida. O resultado do exame impresso no papel: Positivo. Louca para contar ao marido, pegou rapidamente um taxi, mas antes passou no mercadinho. Sua mãe atendia à dona da pousada. Cumprimentou a dona Célia e falou “bom dia, mãe”. Ficou esperando atrás do balcão. Queria contar para dona Eulália antes mesmo de falar para qualquer outra pessoa; afinal a mãe já cobrava, há um bom tempo, a encomenda de um bebê! E agora, o netinho ou netinha, estava a caminho - com seis semanas.

Olhou mais uma vez para o celular, na dúvida se ligava ou não para o Josias. Talvez uma mensagem no what's. Melhor não. Melhor esperar até o meio dia. “Ele vem almoçar e aí eu mostro o exame e a gente conversa”. Passou a mão na barriga. Tirou o tênis que apertava um pouco e se

deitou. Começou a programar os próximos meses: o enxoval do bebê, a banheirinha de plástico, o bercinho, as roupinhas de cama. E o carrinho? Poderia pegar com a irmã Noêmia; o sobrinho caçula já não precisava mais. Quais as cores das roupinhas que comprariam? Azul? Rosa? Amarelinho e verde claro que serviriam aos dois? E os nomes? Elisa? Ygor? Outros? Não via a hora de Josias chegar para conversarem sobre a chegada daquele filho que tanto desejavam e com quem sonhavam há quatro anos. E marcar o ultrassom. “Daqui a pouco tempo já saberemos se é menino ou uma menininha”.

Antes do meio dia Norma deixou a casa da mãe. O almoço quase pronto, dona Eulália insistiu, mas ela não quis comer. Preferia esperar que o Josias chegasse da mineradora. Comeriam juntos o mexidinho que ela haveria de preparar para os dois. “Amanhã, sábado, poderemos sair, comer uma pizza, tomar um chopp e comemorar a boa notícia”, ela sorria enquanto imaginava a situação.

Colocou a toalha florida e pegou no quintal um

maço de manjerição. O jarro sobre a mesa perfumava toda a cozinha. Separou os copos, pegou na fruteira as laranjas para o suco, bem na hora em que ele assobiasse, chegando ao portão. Na geladeira havia arroz, feijão e o resto do frango que sobrara do dia anterior. Separou dois ovos. Josias gostava de um ovinho frito por cima do arroz. Lavou a alface, cortou em rodela o tomate. Picou bem fininha a cebola e guardou a salada na geladeira.

Um barulho ensurdecedor se fez ouvir... E, apesar do susto e sem saber do que se tratava, Norma continuou fazendo o almoço e esperando por Josias. “Santo Expedito, nos proteja”!

2. Uma cadeira de rodas

A vida não era fácil para ele, pobre Edgar. Cuidar do pai doente, sem perspectiva de vida normal, asmático e com a saúde debilitada era sim, um peso enorme. Por mais que se calasse diante dos fatos, lá no fundo, se perguntava se este calvário ainda demoraria chegar ao fim. Fazia o sinal da cruz se redimindo do pecado que pensava cometer: desejar a morte do próprio pai.

Depois da separação, sua mulher voltara para o sul deixando a situação ainda pior. Apesar da sua limitação, o velho ainda conseguia fazer muita coisa, sozinho. Com certa dificuldade, se apoiava na bengala antiga e no seu ritmo seguiu, bem devagar. Entretanto, a cadeira de rodas ajudava nos passeios pela calçada, no final da tarde ou quando ele queria ficar só, no quintal, debaixo de uma árvore lendo um jornal antigo, ouvindo rádio e fumando seu cigarrinho de palha.

Naquela sexta-feira, o seu Teco da oficina ligara dizendo que a cadeira ficara pronta. Fez o mais rápido que pode; sabia que o velho precisava muito dela. Durante os dois dias em que a cadeira ficou no conserto, o pai do Edgar pedia alguns favores à vizinha. Dona Lita se oferecia para cuidar do velho toda as vezes que a sua ajuda se fizesse necessária. Missionária, caridosa e vivendo sozinha, residia na casa ao lado, na mesma Rua 8 e se dispunha a colaborar com quem dela necessitasse. Era só assobiar que a Dona Lita corria para ver do que o velho precisava. E, às vezes não era nada. Ele fizera um cafezinho e queria a companhia dela.

Entretanto, naquela manhã, desde muito cedo, uma pane no setor elétrico exigiu a presença

de seis funcionários, todos da turma do Edgar. Algumas luzes não se acendiam. Um problema havia no grande painel de controle das esteiras transportadoras de minério. Experiente que era, com mais de quinze anos de trabalho, possuía uma equipe treinada e bem preparada para momentos assim. Mas naquele dia, alguma coisa não ia bem. Algo fora do normal. O que parecia ser um pequeno transtorno se arrastava sem solução. Já passava das 11h30 horas.

Edgar passou um what's para Dona Lita pedindo que ela avisasse ao seu Teco. Ele não almoçaria em casa. Nem buscaria a cadeira de rodas como combinado. Surgira um imprevisto na mineradora e ele só pegaria a cadeira, depois do trabalho. Edgar desligou o celular, respirou fundo e, mais tranquilo, voltou ao painel elétrico onde estava o problema.

Dona Lita avisou o Seu Teco.

Seu Teco pode, com calma, terminar de lubrificar as rodas da cadeira.

Dona Lita foi ver se o velho precisava de alguma coisa..

O velho teria que esperar até o final do dia quando Edgar voltaria para a casa.

Um barulho ensurdecedor se fez ouvir. E sem saber do que se tratava, Edgar chamou o ajudante perguntando o que era aquilo, de onde vinha aquele ronco. Saíram os dois pra ver o que poderia ser. “Meu Deus do céu, não pode ser”!

3. Um vestido de noiva

Dona Dinha era uma costureira de mão cheia. Fazia maravilhas com os tecidos, era boa modelista. Mesmo sem jamais ter feito um curso, caprichava no corte das roupas. Era cuidadosa e caprichosa. Assim, quando a mãe de Taninha chegou com seu vestido de noiva, guardado há muitos anos, dona Dinha vislumbrou a mágica que poderia ser feita: um vestido lindo.

Taninha acabara de completar 20 anos e, cheia de sonhos, imaginava um casamento de princesa. Queria o vestido da mãe porque trouxera sorte ao casamento dos pais e o Lau, seu noivo, achava que, “se deu certo com os sogros, daria com ele e Taninha também”. Mais alguns metros de cetim foram comprados, mais uns retalhos de renda e mais metros de fita de gorgurão. Finalmente, no sábado seria a primeira prova do vestido. Tânia

Estava curiosa para ver
a cara do garoto
quando visse chegar
o presente. Não
tinha como deixar a
surpresa para o dia do
aniversário: a loja
não entregava aos
sábados. Não poderia
escondê-la na vizinha
do lado, ela viajara
para a Bahia. A filha
ficara em casa. Aquele
final de semana era
sua folga.

pediu a companhia da mãe e das duas irmãs, mas o Lau não poderia nem chegar perto, daria azar!

Naquela sexta-feira, Taninha estava especialmente alegre. Ansiosa. Contou para as amigas da cozinha que, no sábado, faria a primeira prova do vestido de noiva. As curiosas queriam saber dos detalhes. Mas, a sete chaves, ela guardava o segredo. Pacientemente colocava as batatas para cozinhar enquanto descascava e cortava aquelas já cozidas. O trabalho na cozinha era cansativo porque tudo precisava ser muito rápido. Mais de trezenas pessoas almoçavam no restaurante da mineradora. Tudo em grande quantidade e pouca gente para ajudar. Mesmo assim Taninha cantava enquanto enxugava o suor da testa. A cozinha já era quente e mais o calor que fazia lá fora!

O ar pesado e morno, o tempo abafado.

Um barulho ensurdecador se fez ouvir. E sem

saber do que se tratava, Taninha se colocou na ponta dos pés. Olhou pela janela. Nada viu. Abriu a porta da cozinha. Só o barulho. Um barulhão. “Maria Santíssima, tem piedade”!

4. O Neto

Já fazia tempo que era a encarregada dos Serviços gerais. Tinha com ela uma turma boa que trabalhava na limpeza há mais de 10 anos. Toda sexta feira preparava uma caixa para cada setor. Produtos de limpeza. Papel. Vassoura. Tudo para manter limpas as muitas seções da mineradora. Todas as salas, o restaurante, a cantina, o vestiário, os banheiros, os depósitos e as recepções.

Naquela sexta-feira o entregador levaria a bicicleta que comprara para o neto. Artuzin faria aniversário no sábado. Nove anos. Menino bom, estudioso, obediente, mas levado demais! Sabia que a bicicleta seria uma preocupação a mais para ela e sua filha, mãe do menino. Mas pela alegria de ver aqueles olhinhos brilhando, valia a pena.

Estava curiosa para ver a cara do garoto quando visse chegar o presente. Não tinha como deixar a surpresa para o dia do aniversário: a loja não entregava aos sábados. Não poderia escondê-la na vizinha do lado, ela viajara para a Bahia. A filha ficara em casa. Aquele final de semana era sua folga. Sendo assim, o mais provável é que o neto estivesse por ali quando chegasse o caminhão de entregas. Grandão. Aquele baú enorme, antecipando corações em disparada.

Ela sorria imaginando a cena. E sorria pensando no bolo que faria no dia seguinte. Nas nove velinhas já compradas. Os balões coloridos ainda por encher. Nos canudinhos de doce de leite. Os brigadeiros. Os guardanapos do Homem aranha! Chamou a Lisa e contou sobre o aniversário do neto. Falou entusiasmada sobre a festinha que preparava para não mais do que dez amiguinhos. Todos dali mesmo, da Rua 08.

O sinal do celular tocou. Era a filha dizendo da entrega. O menino enlouqueceu quando viu a bicicleta. Gostou muito que fosse verde e preta, cores do América Mineiro, seu time do coração. “Quero falar com a vó...”

De repente o sinal se perdeu. Ela chegou até à Portaria 1 para ver se retomava a ligação. Sorrindo, queria ouvir o neto falar do presente. Mesmo que a grande surpresa não fora possível,

ela ficou contente e sorria de felicidade.

Alô...Artuzin? Alô...

Um barulho ensurdecador se fez ouvir. E mesmo sem saber do que se tratava sentiu um aperto no coração e pensou: a barragem. Foi o tempo de olhar para os lados de lá e nada mais. “Jesus amado, não”!

5.

Não houve a comemoração da gravidez, nem as compras de roupinhas de bebê. Não houve sorrisos de alegria pela chegada do filho ou da filha; nada de bercinho branco, com anjo da guarda dependurado e nem luminária de fadas coloridas, girando ao vento. A foto da ultrassonografia, não haveria. Ninguém saberia o sexo do bebê. Qual bebê? A esperança de uma felicidade ainda maior, não veio. A lama levou tudo.

Não houve cadeira de rodas, nova e prontinha para passear pela calçada nos finais de semana. Não houve mais filho cansado, nem houve pai idoso e doente. Não deu tempo para arrependimentos, nem pedidos de desculpas ao velho. Nunca mais a vizinha prestativa. Nem o café na Não houve vestido de noiva, nem casamento. Não houve mãe nem irmãs com vestidos novos. Noivo também não houve mais. A costureira, seus tecidos, fitas e bordados também se foram. O horário na igreja, as músicas e as fotos. O álbum do casamento, também não haveria. Não sobrou nada. A lama levou tudo.

Não deu tempo de soprar as velinhas, nem andar na bicicleta nova. Não deu para esperar a avó e pular gritando de contentamento em seu colo quentinho. Pobre neto. Nada de festa. Não houve mesa colorida. A meninada não cantaria o parabéns. Os pacotes coloridos, os presentes, os abraços dos amiguinhos, nada. Tudo virou uma onda só, de lama.

E assim, aquele barulho ensurdecador continua aqui, atormentando cada um de nós. Soa como bombas em nossos ouvidos. Joga ondas de lama em nossos jardins. Mareja com lágrimas quentes nossos olhos, deixando os corações dilacerados, num luto só. E assim estamos todos, doídos, intrigados, querendo saber o porquê de tudo ter acontecido assim; e, sem nada ter como fazer, seguimos...

6.

Eram 12h33 minutos quando tudo parou.

O barulho ensurdecador e constante não pode ser identificado. Mas ele veio de uma só vez e chegou em todos os lugares. Aproximou-se devagar, com força destruidora. Cada vez mais perto e o seu roncar cada vez mais forte. As perguntas ficaram no ar. Suspensas entre uma respiração e outra. As pessoas pararam onde estavam. Ninguém teve tempo de gritar ou de correr. Na verdade, nem se deram conta do que acontecia. Ninguém percebeu a tempo que a gigantesca onda de lama ia chegar.

Mas ela chegou e com ela, o fim.

CAETANO VELOSO

LONDRES E SÃO PAULO

ANTONIO CARLOS SECCHIN



Gilberto Gil e Caetano Veloso

No livro *As flores do mal*, de Charles Baudelaire, 1857, há uma seção de 18 poemas dedicados à cidade, mais especificamente a uma cidade, Paris. A metrópole deixa de ser cenário e transforma-se em personagem, uma nova musa, tão atraente ou terrível quanto suas predecessoras, humanas ou divinas. O conjunto se intitula “Quadros parisienses”. Lemos no poema “O cisne”: “A forma de uma cidade muda mais rápido do que o coração de um homem”. Não apenas “*la donna*”, “*la città*” è *mobile*. Sim, a cidade é móvel, volúvel. É feita de gente, cimento, vidro, ferro, mas também é construída por memórias, sonhos, pesadelos e palavras. Em “O sol”, Baudelaire vai “tropeçando em palavras como nas calçadas”. Às vezes, as evocações da memória, e das palavras e das imagens que as reconstituem, podem doer mais do que o efeito de uma pedrada. Ainda Baudelaire: “Minhas lembranças são mais pesadas do que socos”.

Neste ciclo, se falará de cidades erguidas com palavras. Curiosamente, todos os quatro poetas a serem estudados têm relação não só com as cidades, mas com a música. Caetano é compositor; João Cabral foi musicado por Chico Buarque; Gullar, além de ter poemas musicados, escreveu letras para alguns compositores; e até Bilac entra nessa roda, pois é o autor da letra do Hino à Bandeira, salve o lindo pendão da esperança! E, como a música popular elegeu seus metros mais constantes (redondilha menor, 5 sílabas, redondilha maior, 7), observem que até os nomes dos poetas se enquadram nesse parâmetro: João Cabral de Melo Neto, 7 sílabas; Ferreira Gullar, Olavo Bilac, Caetano Veloso, 5. Quem não aprecia o metro popular poderia argumentar que o nome completo de Bilac é um solene verso de doze sílabas, o alexandrino “Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac”. Nesse caso, eu retrucaria, dizendo que o nome de Caetano também é um perfeito alexandrino: Caetano Emanuel Viana Teles Veloso. Vejam como são fluidas as fronteiras entre o que é popular e o que é clássico, pois os nomes podem transitar com liberdade nas duas direções.

Passemos, porém, a Caetano e sua relação com as cidades, mais especificamente Londres e São Paulo. Na plaquete *Sobre as letras*, de 2003, organizada por Eucanaã Ferraz, o artista declara que todas as suas letras são autobiográficas, até as que não são. Em outro momento, afirma: “Amo a palavra CIDADE. Amo cidades. Me sinto um ser urbano”.

Examinemos, então, o que significa a experiência urbana em terra estrangeira, Londres, e a experiência em terra estranha, São Paulo, uma vez que o poeta provém de Santo Amaro, na Bahia. Experiências do imigrante e do migrante.

Vamos ao primeiro relato, o do exílio involuntário em Londres, entre 1969 e 1971, por imposição do regime militar. A tradução da letra foi feita especialmente para este encontro pelo poeta e acadêmico Antonio Cicero.

Londres Londres

*Vagando sem destino por aí
Por Londres Londres linda vou sozinho
Atravesso as ruas sem temer
Todo o mundo abre-me o caminho
Ninguém há que eu conheça e cumprimente*

*Só sei que todos abrem-me o caminho
Estou sozinho em Londres sem temer
Vagando sem destino por aí
Enquanto meus olhos
Procuram discos voadores lá no céu
Ah, domingo e segunda, outono passam por mim
E gente apressada mas tranquila
Pessoas se dirigem a um guarda
Que aparentemente acha agradável agradecer
Ao menos viver é bom e eu concordo
Ao menos ele aparentemente acha agradável
É tão bom viver em paz e
Domingo, segunda, anos e eu concordo
Enquanto meus olhos
Procuram discos voadores lá no céu
Não escolho olhar para rosto algum
Não escolho caminho algum
Apenas me acontece estar aqui
E é legal
Gramma verde, olhos azuis, céu cinza, Deus abençoe
Dor silenciosa e felicidade
Eu vim para dizer sim, e digo Mas meus olhos
Procuram discos voadores lá no céu.*

(Disco Caetano Veloso, 1971)

O início – “Vagando sem destino por aí, / Por Londres Londres linda vou sozinho” – não deixa de evocar o começo de uma canção de 1967, em cujo título, aliás, ocorre a mesma duplicação de um único substantivo, “Alegria, alegria”: “Caminhando contra o vento/ sem lenço e sem documento/ no sol de quase dezembro/ eu vou”. Mas quantas diferenças! Há um tom dionisíaco nessa canção, a partir do título, “alegria”, do discurso afirmativo – “eu vou” –, da celebração cromática (“os olhos cheios de cores”) e até do registro térmico – a temperatura “tropicalmente” agradável da primavera (“sol de quase dezembro”), à qual se opõe o frio outono europeu duas vezes citados em “London London”, marcado pela tonalidade cinza – branco e preto da Inglaterra, de um lado, contraposto à profusão do arco-íris brasileiro.

Há um gesto reiterado no texto londrino: o olhar em busca de discos-voadores. Ora, em vez de atentar para a paisagem urbana – as ruas, os prédios –, Caetano atenta para a paisagem transcendental, ou seja, na cidade, ele procura exatamente o que não está na cidade, deseja ver o que ali não se apresenta: os discos voadores, ainda de mais dificultosa visualização devido à barreira de um céu cinza e turvo. A referência à cor verde da grama poderia igualmente caracterizar parques de outros lugares do planeta. Quase uma inútil paisagem para quem se interessa pela paisagem celeste. Pode-se perceber uma confissão do desenraizamento, no tom algo melancólico de um estar ali arbitrário, contingente. Cito na tradução de Antonio Cicero: “Não escolho caminho algum / Apenas me acontece estar aqui”. Se a grama se vincula a raiz e proximidade, o

disco voador aponta para altitude e distância, para algo de uma inalcançável natureza; ele representa a máxima alteridade: é o extraestrangeiro radical, porque extraterreno.

A letra de Caetano não demonstra nem afeto nem hostilidade frente a Londres: apenas uma resignada disponibilidade para o acaso, e a percepção de uma bem-comportada, civilizada, indiferença dos outros para com ele. Cito: “Ninguém há que eu conheça e cumprimente/ Só sei que todos abrem-me o caminho”.

Nas interseções entre vida e obra, seria interessante recordar uma crônica de Caetano Veloso publicada no *Pasquim* em dezembro de 1969, anterior, portanto, ao disco, de 1971, em que afirma praticamente o mesmo: “Eu atravesso as ruas sem medo, pois eu sei que eles são educados. E deixam o caminho livre. Mas eu não estou aqui e não tenho nada com isso”. Há um “eles”, um grupo, sem rosto, sem corpo definido, na letra de música e na crônica, mas a crônica intensifica o despertamento à paisagem londrina, na declaração “eu não estou aqui”. Ora, ele está ali, mas eu diria que ele “não está nem aí”. A sabedoria da frase popular “não estou nem aí” indica que de fato nós moramos onde o desejo nos projeta, embora com frequência paguemos caro o aluguel de um endereço errado, pois nem sempre ocorre a confluência entre o espaço real e o espaço do desejo. Lugar desejado? Por exemplo: Santo Amaro da Purificação. Dele diz o poeta, na canção “Trilhos urbanos”: “O melhor o tempo esconde/ Longe, muito longe,/ Mas bem dentro aqui./.../Cana doce, Santo Amaro/ Gosto muito raro/ Trago em mim por ti”. Antiexemplo, Londres, onde recorre a uma língua estrangeira para falar da cidade estrangeira. Duplo exílio, geográfico e linguístico. Na letra ele não se dirige a ninguém específico, apenas escuta. Quem fala são as pessoas locais, conversando com o policial. Deslocado naquele mundo, devaneia em direção a outro mundo, o extramundo, o disco-voador.

Aliás, pela acepção primeira da palavra “cidade”, ousaria dizer que Caetano etimologicamente esteve em Londres, mas nunca esteve na “cidade” londrina. O termo provém de “*civitate*” (do mesmo radical de civilidade, civilização, cidadão), mas a “*civitate*” latina não significava originariamente o espaço, e sim o conjunto de cidadãos que se agrupavam em determinado lugar ou estado. O espaço físico dessa aglomeração denominava-se “urbe”. Depois, numa operação semântica metonímica – uma parte pela outra – o sentido de “*civitate*” se ampliou, deslocou-se do habitante para o território, e acabou relegando a segundo plano a palavra “urbe”. Mas, se “urbe” hoje pouco se emprega como substantivo sinônimo de “cidade”, persiste vigorosamente na modalidade adjetiva, pois “urbano” é bem mais frequente do que “cidadino”. Do ponto de vista etimológico, Caetano esteve na “urbe”, mas não na “*civitate*”. Se recorrermos ao mais antigo dicionário monoglota da língua portuguesa, o de Antônio de Moraes e Silva, na edição de 1813 encontramos um comentário lapidar: “A Cidade por excelência se entende daquela onde estão os que falam”. Portanto, apenas os que fazem soar a voz é que de fato compõem a cidade primordial. E a voz caetana, como vimos, não se integrou a esse coro londrino.

Outra é a perspectiva da questão urbana em São Paulo.

“Sampa” foi gravado em 1978, e a relação de artista com a cidade se iniciou em fins da década de 1960. Trata-se de uma rememoração, de uma experiência decantada pelo tempo. “London London” foi escrita no calor da hora, ou, como era outono europeu, no frio da hora. Correspondeu a um *flash* ou sequência de *selfies* de Caetano ao longo de um passeio silente e solitário. Podemos considerar a canção como página de um diário, enquanto “Sampa” seria página de um livro de memórias. Londres foi tratada pelo nome “oficial”, London, enquanto, já numa conotação de intimidade, São Paulo sequer é referida pelo nome, mas pelo apelido: Sampa. Essa intimidade se intensifica pela relação próxima e direta com o “tu”: “Quando eu te encarei”, a cidade como alguém com quem a gente conversa, diferente do tratamento em terceira pessoa, distanciado, da letra londrina.

Leiamos o texto (grifos e negrito meus):

SAMPA

1 *Alguma coisa acontece no meu coração
que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João,
é que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
da dura poesia concreta de tuas esquinas,
da deselegância discreta de tuas meninas.
Ainda não havia para mim Rita Lee,
a tua mais completa tradução,
alguma coisa acontece no meu coração
que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João.
Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto,
chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto,
12 é que Narciso acha feio o que não é espelho,
e à mente apavora o que ainda não é mesmo velho,
nada do que não era antes quando não somos mutantes.
E foste um difícil começo, afasto o que não conheço,
e quem vem de outro sonho feliz de cidade
aprende depressa a chamar-te de realidade,
porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.
19 Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas,
da força da grana, que ergue e destrói coisas belas,
da feia fumaça que sobe apagando as estrelas,
eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços,
tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva.
Pan-Américas de Áfricas utópicas, tumulto do samba,
[mas possível novo quilombo de Zumbi,
e os novos baianos passeiam na tua garoa,
26e novos baianos te podem curtir numa boa.*

(Disco Muito, 1978)

Proponho uma divisão em 3 partes, assinaladas na folha: versos 1 a 11 – relação inicial com a cidade; versos 12 a 18, questionamento dessa visão inicial; verso 19 em diante, relação atual com São Paulo, ou melhor,

com Sampa. É uma letra-mosaico, composta de numerosas referências e alusões à cultura paulistana em fins da década de 1960, no campo do urbanismo, da MPB, da poesia, da ficção, do teatro.

A referência é mecanismo de caráter explícito: avenidas São João e Ipiranga (o centro velho de São Paulo), a cantora e compositora Rita Lee, o mito de Narciso, a figura histórica de Zumbi dos Palmares.

A alusão, marcada em *itálico* na página, é velada, oblíqua: um palimpsesto, em que uma palavra contém um referente embutido para além do referente imediato dela própria. Creio que ela “funciona” melhor quando não impede a fruição do texto, atuando somente como uma suplementação de sentido, ou seja: quem a percebe tem a fruição intensificada, mas quem não a percebe, ainda assim, não está alijado da compreensão primeira daquilo que é dito. Exemplo claro: a “dura poesia concreta de tuas esquinas”, verso 4: o cimento frio da urbe, ainda assim portador de certa – dura – beleza – e, numa segunda camada, a da alusão, o movimento da poesia concreta. As alusões estão assinaladas em *itálico*: verso 4: a poesia concreta; verso 14: o conjunto musical Os Mutantes; verso 16: Santo Amaro ou Salvador, que corresponderiam ao sonho feliz de cidade; verso 18, “o avesso do avesso do avesso do avesso”, expressão atribuída a Decio Pignatari; verso 22: poetas de campos, os irmãos Augusto e Haroldo de Campos; verso 23, o Teatro Oficina, grupo dirigido por José Celso Martinez Correia que, em 1967, encenou *O rei da vela*, de Oswald de Andrade; verso 23, deuses da chuva: alusão a Jorge Mautner, que, em 1962, publicou *Deus da chuva e da morte*; e provavelmente aos “Demônios da Garoa”; verso 24, três alusões: *Pan-América*, romance de José Agripino de Paula, publicado em 1967, “túmulos do samba”: “São Paulo é o túmulo do samba”, frase infeliz de Vinicius de Moraes, que foi cobrado a vida toda pela declaração, e peça “Arena conta Zumbi”, de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, com música de Edu Lobo, autor de “Upa, neguinho”; verso 25: Os Novos Baianos, grupo musical que surgiu em 1969.

Entrevejo ainda um rastro baudelairiano no verso 21, “da feia fumaça que sobe apagando as estrelas”, pois, no poema “Paisagem”, que abre os “Quadros parisienses”, encontramos “os rios de carvão a galgar o firmamento”.

Observe-se que as evocações de “Sampa” não são, como em “London London”, genéricas – “um grupo, um guarda, eles” –, mas marcadamente concretas e particulares.

Retornemos à letra, em sua parte 1. “Alguma coisa acontece no meu coração”. Tanto ou mais do que a cidade, o poeta vai falar de sua reação, refratária ou amistosa, frente a São Paulo. Vai tentar avaliar-se e entender-se através do modo como avalia a cidade. Falará desse afeto ambíguo, dessa “alguma coisa”, que ele ainda não sabe bem o que é, e,



Caetano e Gil em Trafalgar Square, Londres, 1969

para tentar descobrir, vai atravessar a avenida que liga o seu coração ao Centro, o coração da cidade, buscando uma ponte entre o coração humano e o coração urbano. Só quem admite nada ter entendido é que estará desarmado e disponível para tudo tentar entender. O caminho da compreensão de uma realidade a princípio feia, hostil, passa pela dissolução do maniqueísmo, pela relativização dos juízos condenatórios, muitas vezes taxativos e preconceituosos. Assim, a esquina é dura, mas tem poesia; as meninas exibem deselegância, mas é discreta... Aliás, li um comentário muito interessante no YouTube, a propósito de “Sampa”. Escreveu alguém: “Como pode uma música falar tão mal de uma cidade e agradar tanto os moradores dessa mesma cidade? Coisa de gênio, mesmo!!!” O autor do comentário não atentou para esse contínuo jogo de contrabalanços, no qual o que parece sombrio pode trazer no bojo uma faceta luminosa, que nem sempre cintila ao primeiro olhar.

A Parte 1, dos versos 1 ao 11, é a confissão do desconhecimento e da consequente recusa dessa estranha realidade urbana, marcada pela predominância de verbos no passado: cheguei, [nada] entendi, havia, encarei, [não] vi, chamei.

Na Parte 2, dos versos 12 ao 18, o poeta questiona a recusa e admite que o problema pode estar não no objeto, mas no observador, não na realidade que é vista, mas no ângulo restrito pelo qual ela era captada.

Na Parte 3, do verso 19 em diante, com os verbos no presente, surge sua relação atual e amistosa com o espaço urbano, fundamentada na aceitação antinarcísica das diferenças desse outro-cidade. É seu retorno à mesma cidade, mas que se tornou diferente pela mudança de olhar a ela dirigido. Haverá, portanto, na parte 3, a desconstrução da recusa inicial da parte 1, após essa recusa ter sido posta em xeque na parte 2.

A linha melódica de “Sampa” evoca incidentalmente a de “Ronda”, de Paulo Vanzolini, em cuja letra também se faz referência à Avenida São João, porém como cenário de crime passionai. O notável, na canção de Caetano Veloso, é que a estrutura melódica também é tripartida: a

Estabelece-se uma
relação de causalidade:

melodia inicial da parte 1 é interrompida por outra precisamente no verso 12, assim como seu passeio pela cidade é interrompido pela reflexão. No verso 19, parte 3, ele retorna ao passeio – e a melodia também retorna à parte 1. Aparentemente, na parte 3, haverá o mesmo lugar e a mesma música, porém já modificados ou atravessados pela estranheza que soou na parte 2.

No final da parte 1, os versos 10 e 11, “Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto/chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto” corresponderiam ao momento da eclosão do sintoma, do incômodo resistente face à força do real. Estabelece-se uma relação de causalidade: encarar a cidade, não ver o rosto – logo, aquilo que não me espelha necessariamente eu desqualifico como mau gosto. O problema parece situar-se lá, o mau gosto aparenta ser uma categoria externa e objetiva, estou certo disso.

Só que não.

Terei certeza? Por que, se afirmo que aquilo é mau gosto, preciso tanto insistir? “Mau gosto” por 3 vezes – quem sabe até para que, à custa da repetição, eu acabe me convencendo de que é verdade aquilo em que eu quero acreditar. Para tentar dissolver o incômodo, é necessário desconfiar dessa proclamação do mau gosto, essa pedreira no meio do caminho, atrapalhando a fluência de minha transa e de meu trânsito em direção à cidade. Tenho de justapor à minha convicção a pergunta: “Por que?”. Se eu não investigar “Por que estou afirmando isso?”, no caso, o mau gosto, permanecerei prisioneiro da versão de minha aversão, ou de meu próprio desconhecimento.

Na parte 2, o poeta desmonta o mecanismo protetor, de defesa, que consiste na desqualificação do outro para não ter que reprocessar os próprios valores, para não ter que arduamente dissolver suas autoverdades cristalizadas. Caetano formulou um “por que?” implícito, ao fim do verso 11, tanto que se segue, no verso 12, uma resposta explícita: “é que Narciso acha feio o que não é espelho”. Está em negrito o verso “e à mente apavora o que não é mesmo velho” para enfatizar que ele corresponde ao ponto central da canção: literalmente, é o verso ou a pedra lançada no meio do caminho do texto: verso 13, de um total de 26. Momento de movimento para o segundo lado. Desafio a ser vencido na passagem, ou ultrapassagem, de uma realidade a outra, da negação à aceitação de São Paulo. E se trata de um verso sintomática e sintaticamente perverso, cuja forma, num primeiro momento, nos espanta e incomoda, uma construção pouco usual, que tenderíamos a repelir: a anteposição repentina de um objeto direto preposicionado: “à mente”. De modo intuitivo nossa leitura busca a segurança da ordem convencional, em que o sujeito antecede o objeto. E, ao “corrigir” a sintaxe, caímos na armadilha e constatamos a força do que ali se diz: realmente, tudo que

encarar a cidade, não
ver o rosto – logo,
aquilo que não me
espelha necessariamente
eu desqualifico como
mau gosto. O problema
parece situar-se lá,
o mau gosto aparenta
ser uma categoria
externa e objetiva,
estou certo disso.
Só que não.

não é velho, logo, tudo que é novo, apavora, até mesmo um objeto direto fora do lugar. A forma do verso, deslocando o objeto para o espaço previsível do sujeito gramatical, endossa a desestabilização de lugares fixos, seja no mundo referencial, seja na ordem da própria sintaxe. O apego ao que já se encontra consolidado nos leva a não querer “nada do que não era antes” – o mundo é normativamente repetitivo, a menos que tenhamos a coragem de sermos mutantes.

O poeta efetua o salto, ele, que veio lá de Santo Amaro com um pacote pronto com a receita de seu antigo sonho “feliz de cidade”, de plena feli-cidade. Esse ideal paradisíaco que se abastece na origem, entendida como território idílico e sem fissuras – “oh, que saudades que tenho” –, se confronta com o doloroso aprendizado de que qualquer novo projeto de feli(z)-cidade não pode desconhecer a velo-cidade, a fero-cidade, e tantas outras “cidades” embutidas no coração da multipli-cidade.

Essa realidade indomável, em mutação, em que de uma coisa ele vê outra surgir, ocupa a parte 3, continuamente desfazendo imagens estáticas, em

prol do “avesso do avesso do avesso do avesso”. Mas não se trata da aceitação pacífica do “vale tudo”, com simples inversão de sinal: onde era mau gosto, agora passa a ser bom gosto, porque nesse caso inexistiria uma perspectiva crítica e tampouco se sairia do lugar, apenas permaneceríamos inertes com os sinais trocados, substituindo o “não” da recusa narcísica pelo “sim” da aceitação passiva. Trata-se, ao contrário, da compreensão da tensa coexistência das contradições inerentes à dinâmica da vida. Exemplos: o dinheiro, capaz de gerar e destruir beleza; a fumaça, que compete com as estrelas, mas não consegue bloquear o brilho que emana dos poetas, mesmo no espaço da escuridão; a oficina, com a força de forjar uma floresta, ainda que artificial; a negritude, que, se de um lado se associa a tûmulo do samba, de outro tem potência para trazer à tona a utopia libertária de Zumbi; e o poeta, que, sendo antigo, se apresenta, no fim do texto, como um novo baiano, porque conseguiu modificar-se, a ponto de se tornar outro baiano.

Sabidamente, ele aprendeu que, se Narciso desviar-se da projeção obsessiva de seu próprio rosto, aí então, dentro de um espelho acolhedor e vazio, pode caber uma cidade inteira.

ANTONIO CARLOS SECCHIN

é carioca, poeta, ensaísta e crítico literário. É membro da Academia Brasileira de Letras.

ENTRE A REALIDADE VIRTUAL, A TEORIA E A VERTIGEM

EDGARD PEREIRA

Na trajetória literária de Márcio Almeida, o último livro, *Vesânia* (Edição do autor, 2019), ocupa um lugar de expressiva relevância e áspera resistência. Lançado recentemente, traz capa de William Júnio, conectado aos impulsos e parâmetros da linguagem eletrônica de bites e megabites. Já no título, fica implícita a fusão entre a realidade virtual e a vertigem, entre o real e a supra-realidade, entre a lucidez e a loucura. O verbete do Aurélio sobre o título (“denominação comum às várias espécies de alienação mental”) adiciona um breve relato do poeta luso José Gomes Ferreira, envolvendo uma reação *vesânica* (desesperada, demente) de Nietzsche a um cocheiro que agredia um cavalo – o filósofo, “em plena *vesânia*, se agarrou a chorar ao pescoço do animal, num protesto convulso”. Melhor companhia para um poeta que se nomeia *visionário e neo-realista*, impossível.

No limiar de tudo, algo prenuncia um toque de radicalidade e delírio, de irreverência e contestação. Estamos diante de uma produção poética multifacetada, condizente com a experiência existencial crítica dos sobreviventes dos anos 70-80. Viver e escrever, desde então, consistem numa atitude, que se projeta como um compromisso histórico. A vertente inquieta da poética de Márcio Almeida, ancorada numa rica tradição, apresenta-se desprovida de certezas, mas interessada em propor questões, fazer perguntas sobre o espaço e a função da poesia na sociedade contemporânea, instaurar o desejo, dentre outros, de que a poesia se torne *a expressão de um tempo forte, social e individual*: “Como recuperar seu efeito mágico num tempo em que sobejam efeitos especiais? Resta à poesia tão somente ser a ‘humilhante impotência da subjetividade’ aludida por Georg Lukács? (...) O poeta envergonhou-se de ser simples, de ser inteligível, de promover recepção? (“Posfácio”).

Nesta rota de incertezas e fugidias paragens, - *engodo de luz no horizonte sempre seguinte* - o primeiro bloco, o mais extenso por sinal, intitula-se precisamente “Ars poetica”, do qual extraímos as quadras seguintes do poema “Deserdados poéticos”:

*E foi assim, então, que morreu a poesia:
mataram-na os ismos da evolução.
Quando o conteúdo virou só teoria
e o poeta ‘trágica resignação.’*

*Morreu de nada – por não fazer falta
ao consumo kitsch capitalista;*

*porque o poema não mata nem assalta,
não tem lugar na tela, jornal, revista.*

*Morreu sozinha, quando o sublime
tornou-se esgar, ruína, mercadoria;
ser poeta, função inútil, quase crime
por sobreviver do nada na aporia.*

Os destinatários a que se dirige, e entre os quais o poeta se inscreve, os *deserdados poéticos*, desconfiados, perdidos, num contexto de *calaus, calabarbalhos e da camarilha de plantão no planalto*, encontram-se hesitantes em cooptar com as instâncias *dos entrelugares, do entre sem saber, dos entreolhares, fraturados*. Tentam heroicamente reconquistar a *nossa leveza e espontânea gaiatice, ou seja, nossa ciência com humor*. Utópicos irrecuperáveis, convictos da disseminação dos bens da cultura, em plena vigência dos direitos igualitários, questionam “a produção cultural a partir da perspectiva de minorias destituídas, porque são elas que autenticam a exploração do controle, neutralizam as estratégias de resistência marginalizadas, impõem a autoridade autocrática” (“Carta aos scholars”). Deparamo-nos, perplexos, diante de uma portentosa caixa de perguntas e adivinhas, forma enviesada de empreender um mergulho sedutor na polivalência do signo, num discurso que deságua ofegante em nítidas fulgurações, na expressão do efêmero e do instantâneo: “rastros que se inaugura bêbedo de rumos, / *bateau ivre*/ fio refém do acaso, pleuroma, sopro” (“Signo viandante”). Diante do caos urbano, numa sociedade estilhaçada pela violência, o bardo despe-se de sua auréola centenária e liga a câmera à mão, duplo atual do Cesário Verde do século dezenove, em “Rap hour”:

*É mais um dia de perda de sentido,
família, Deus, o mercado – tudo é prensa,
nessa mistura fast-food com bandido,
no corre atrás da vida que não pensa*

*se vale a pena a correria para nada,
em cada rua uma oferta de trouxinha,
o traficante se parece com a fada,
pra comer, a menor tira a calcinha.*

(...)

*Aperte o cinto que a noite é de pega,
a fauna solta vem malhando o arrastão,
o bebum louco liga o farol que cega,
a avenida vira pista de avião.*

No poema citado, a visão fotográfica não se limita a captar com objetividade e requinte de detalhes o real: empresta-lhe uma aceleração de imagens e flashes, acentuando o caráter dinâmico das derivas do mal, em



Márcio Almeida

consonância com o enunciado do verso multialiterado que diz: “E viva a vida na vã veloz cidade”. Como se a tensão da realidade contaminasse a escrita, tonando-a também tensa.

A experiência poética da pilhagem expõe o laboratório à curiosidade pública, num jogo de trocas intertextuais, detonado pelo interesse em fazer circular a palavra, numa criteriosa e vigilante atenção ao trabalho empreendido por nomes tutelares e iluminados da poesia de todos os tempos, na generosa tarefa de “construir clareiras de significância na floresta de símbolos”. O vasto portal de citações contempla não apenas os teóricos da semiótica, (um dos blocos traz o título de “Intersemiose”): inclui também os arautos das Musas de outras épocas, num expandido rol de homenagem e celebrações, que congrega inúmeros poetas, de Fagundes Varela a Ezra Pound, de Olegário Mariano a Borges, de Shelley a Drummond, de Rilke a Raul Seixas. São extremamente precisos e produtivos os poetas que se entregam vocacionados para tal serviço. O traço erudito do operário do verso constitui um dos pilares da tradição.

O universo da rede de informações e contatos – a NET, com os desdobramentos de semicondutores de *ligas de arseneto de gálio e alumínio, / sodeto de chumbo e derivados de silício*, – tem seu lugar ao longo dos enunciados discursivos, chegando a confundir-se com o universo linguístico crispado de conceitos, devaneios e protesto. A lamentar, o excesso desordenado de citações metalinguísticas, pretensamente eruditas.

EDGARD PEREIRA

mineiro de Jesuânia, é ficcionista e ensaísta. Publicou, entre outros livros, o romance premiado *Outono atordoado* (2001) e, recentemente, o diário *Dias portugueses e outros*.

MULHERES EMERGENTES AOS

30
anos

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE

PARA TÂNIA DINIZ, COM AMOR.

É um prazer para mim falar sobre Tânia Diniz. Nem se pretendo nesse momento apresentá-la, pois todos já a conhecem, seja como poeta, contista, haicaísta, editora, promotora cultural, professora de idiomas, pois Tânia é uma personalidade múltipla. Mais que múltipla, diversa, plural! Mineira de Dolores de Indaiá, formada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, em Português, Espanhol, Italiano e Francês, Tânia Diniz já recebeu inúmeros prêmios literários no Brasil e no exterior pelo trabalho que vem realizando há vários anos. Mas creio que isso também não é novidade.

Eu a conheci em 1989, assim que foi lançado o jornal mural *Mulheres Emergentes*, que ela idealizou após conhecer o livro de Natalie

Rogers – *A mulher emergente*, de 1980 – que fez enorme sucesso entre as jovens feministas. Afinal, éramos todas, naquele momento, mulheres emergentes! Pois emergíamos de uma sociedade tradicional, conservadora; e rompíamos com comportamentos cristalizados há décadas, e buscávamos algo novo dentro de nós mesmas, para começar.

Destinado à divulgação da poesia, a empatia do jornal *Mulheres Emergentes* com as leitoras foi imediata; principalmente pela novidade de ser um espaço literário aberto às colaborações, e pela temática – sua marca registrada – que privilegiava o feminino e a sensualidade. Além do formato mural que adotou, desde os primeiros números, ou seja, de grandes dimensões, e impresso em papel cartão de diferentes cores.

O sucesso veio rápido, e logo rompeu as fronteiras nacionais. O subtítulo – “O sensual

em cartaz” – que revelava o foco no erotismo, vinha também ao encontro de uma demanda feminista que pregava que as mulheres deviam viver plenamente suas vidas e sua feminilidade. As colaborações chegavam de todo o país e do exterior, tanto de nomes já conhecidos, como de “novos talentos”, a maioria de mulheres, embora não houvesse restrições à colaboração masculina.

Em pouco tempo, o *Mulheres Emergentes* podia ser visto fixado em toda parte: nas livrarias, nos bares, nos centros culturais, nas salas de estudo de universidades. Tornou-se, na verdade, em um projeto de vida para Tânia Diniz.

A periodicidade e o número de exemplares impressos variaram com o tempo. A tiragem costumava ser de 1.000 exemplares, o que continua sendo muito significativo de sua aceitação e seu sucesso. O intervalo entre as edições



Tânia Diniz

também mudou ao longo dos anos, dependendo das circunstâncias. Mas cada número impresso era motivo de comemoração, conforme a editora registrou em um de seus números:

Com dificuldades inesperadas, pois se comemora o Centenário da Cidade e o Encontro das Américas (maio/97) aqui realizado, Mulheres Emergentes rompe o cerco da ausência de patrocínio suficiente, com poesia e tenacidade, e chega a mais esta edição. Ufa!!! (ME, Ano 8, set./out./nov. de 1997).

O espírito empreendedor de Tania Diniz que teve início com este mural poético logo se desdobrou em outras iniciativas. Uma delas foi a editora *Mulheres Emergentes* Edições Alternativas que lançou dezenas de livros,

como a *Coleção Almanach de Minas*, por ocasião do centenário de Belo Horizonte, em 1997. Também promoveu Concursos Internacionais de Poesia e de Ilustração, com excelente acolhida do público, que contava no corpo de jurado com escritores e artistas do porte de Nelly Novaes Coelho, Roberto Drummond, Afonso Romano de Sant'Anna, Antônio Barreto, Lúcia Castello Branco, Iara Tupinambá, Lor, Angela Lago, entre outros.

Em 2007, para comemorar os 18 anos do periódico, publicou uma antologia com textos poéticos de 41 escritoras brasileiras, entre elas Conceição Parreiras Abritta, Elizabeth Gontijo, Graça Rios, Lucia Serra, Maria de Lourdes Hortas, Silvana Pagano e Vera Casanova.

E em 2009, ela organizou a *Antologia Menino ME*, que reúne parte da produção já divulgada no *Mulheres Emergentes*, apenas de autoria masculina. Kiko Ferreira, Gabriel Bicalho, Olegário Alfredo e Cláudio Márcio Barbosa são alguns que aí estão. E nos últimos anos, o *Mulheres Emergentes* continuou saindo e surpreendendo seus antigos e também os novos leitores. A novidade é que agora conta com a parceria de Ana Carol Diniz, que deve ter herdado a paixão e a persistência de sua mãe.

Além disso, Tânia Diniz tem diversos livros publicados, entre contos e poesia. E assim como o mural poético prima por privilegiar a condição feminina e o erotismo, também sua obra literária traz esta marca inconfundível,

que, para além do prazer físico, a autora faz questão de embaralhar com a magia, humor e a beleza sempre elegante de seus versos. Um dos livros *Rituais*, de 97, inova ao trazer alguns contos curtíssimos, quase aforismos, que ora revelam um delicado toque de sensualidade e humor, ora denunciavam a condição inferiorizada da mulher. Vejam “Cuore”.

Tinha sempre o coração aos pulos, pelas tensões do dia-a-dia e o objetivo de alcançar a felicidade. E tanto correu atrás dela que o coração saiu-lhe pela boca. Só anda agora com o coração na mão.

Também gosto do conto "Cinderela", de *Mágico de nós*, de 1988, que faz uma releitura interessante do tradicional conto de Perrault. A personagem não se conforma com a vida a que parecia predestinada, e se transforma para entrar no baile da vida:

Trabalhava demais em casa e não tinha reconhecimento. Sacrificava tudo pela família. Espanava, varria, lustrava, lavava e passava, costurava e cozinhava, de manhã à noite. Fazia bolos maravilhosos e vivia com o avental sujo de ovo. Engomava camisas de linho como ninguém. Para si mesma não sobrava tempo e ia acumulando vontades e necessidades. Enquanto esfregava o chão da cozinha, pensava agora no enorme desejo que sentia de ir ao baile. Sonhava com o galã da TV e via-se em romântica sequência de cenas sexy, como num videoclipe. Foi quando se depa-rou com a barata no canto do fogão e, ao acertá-la com o tamanco, foi envolvida por uma nuvem brilhante que se dissipou, revelando-a vestida e maquilada como gaterrima punk. Sentindo-se pronta, não teve dúvidas, montou na moto-vassoura e voou para o clube. Ninguém da família a reconheceu.



CONSTÂNCIA LIMA DUARTE
é professora de Letras da UFMG.

SEIS HAICAIS POR ORDEM DE SERIEDADE

ELOÉSIO PAULO

Agora é tarde, Maria
No avião não é hora
de descobrir claustrofobia

Na única vez em que fui rico
não possuía
uma única moedinha

À morta
pouco importa
que vestido lhe escolherão

O menino ateu tinha mais fé
na serpente invisível do que
na caveira de mamão verde

Espera paramentado
só que no hemisfério errado
(boneco de never)

E se Deus nunca
tiver saído daquela
Igreja onde O encontrei?

ELOÉSIO PAULO

mineiro de Areado, é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Alfenas.
